



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

**INVENTÁRIO DIGITAL DO PATRIMÔNIO IMATERIAL
DO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR**

Giuliana d'El Rei de Sá Kauark

Salvador
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

**INVENTÁRIO DIGITAL DO PATRIMÔNIO IMATERIAL
DO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR**

Memória apresentada como requisito à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gisele Nussbaumer

Giuliana d'El Rei de Sá Kauark

Salvador
2006

AGRADECIMENTOS – QUEM E POR QUE

(quase uma ficha técnica...)

Carlota Gottschal – orientação da pesquisa

Chica Carelli (Teatro Vila Velha) – liberação de fotografias do Bando de Teatro Olodum

Carmem Jacob – análise detalhada do produto e interessantes considerações

Danilo Scaldaferrri – cessão do vídeo A Porta da Rua

Gisele Nussbaumer – orientação do TCC

Ivo Agerkop – considerações sobre etnomusicologia e composição de trilha sonora do Cd

Josias Pires – contatos de mestres populares

Larissa e Luciana Fraga – empréstimo do computador

Luciana Oliveira – webdesigner e fotografias exclusivas para o Cd

Luisa Torreão – cumprimento de obrigações acadêmicas

Márcio Lima – fotografias exclusivas para o Cd e cessão de acervo de fotografias próprio

Marcondes Dourado – cessão do vídeo O Erotismo e de imagens do Dois de Julho

Mariana Albinati – acesso ao acervo da Fundação Gregório de Mattos

Mariely Santana – orientação da pesquisa

Marília Hugles – cessão do vídeo Pelores

Mônica Santana – desenhos exclusivos para o Cd

Sara Uchôa – revisão do conteúdo do Cd

Umbelino Brasil – empréstimo dos cd's de Batatinha e Riachão e análise do produto

Vânia Medeiros – desenhos exclusivos para o Cd

Victor Borges – resgatar arquivos do TCC

Em especial:

Todos os entrevistados – informações e divertidas conversas

Conheci essa garota que era do Barbalho
Na lotação da Liberdade
Que passava pelo ponto dos Quinze Mistérios
Indo do bairro pra cidade
Pra cidade, quer dizer, pro Largo do Terreiro
Pra onde todo mundo ia
Todo dia, todo dia, todo santo dia
Eu, minha irmã e minha tia.

“Tradição”, Gilberto Gil, 1973 (Cd “Realce”)

RESUMO

Esta memória trata das definições fundamentais, dos estudos e do processo de realização do produto “Inventário Digital do Patrimônio Imaterial do Centro Histórico de Salvador”. Para elaboração do produto, em uma mídia de *dvd-rom*, foi necessário partir de uma revisão bibliográfica, de um método descritivo de mapeamento, para então iniciar o processo de produção do Inventário Digital. Pretendeu-se apresentar, mesmo que sinteticamente, a diversidade de expressões culturais do Centro Histórico e sua história. São consideradas manifestações desse patrimônio intangível as celebrações, os modos de fazer e saber, os lugares e as formas de expressão, e são, portanto, esses os principais itens de pesquisa sobre a área do Centro Histórico. O conceito sobre a imaterialidade do patrimônio cultural utilizado nesta memória vem sendo contemporaneamente discutido e formatado como um programa da política cultural brasileira. Em última instância, buscou-se estruturar o *dvd-rom* com base na metodologia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, na tentativa divulgar a prática do registro e fomentar estudos na área do patrimônio intangível.

Palavras-Chave: Centro Histórico de Salvador; Patrimônio Imaterial; Inventário.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

O “Inventário Digital do Patrimônio Imaterial do Centro Histórico de Salvador” é resultado de um processo recente. Primeiro, pode-se destacar os estudos sobre o patrimônio imaterial realizados na Cátedra Andrés Bello, em 2004, sob orientação de Carlota Gottschal. No ano seguinte, a convite da mesma e da professora Mariely Santana, a participação na então iniciada pesquisa “Capital Cultural e Turístico do Centro Histórico de Salvador”, foi de fundamental importância para o estudo sobre a área do Centro Histórico e, especialmente, para o mapeamento do patrimônio imaterial deste território. Em paralelo, a aproximação da Associação de Sambadores e Sambadeiras da Bahia, através de Josias Pires, trouxe uma convivência com alguns mestres populares e com as questões relacionadas à realização e continuidade das manifestações culturais populares. Iniciando em 2006 um contrato profissional no Instituto Cultural Casa Via Magia foi possível estudar o formato digital desenvolvido nesta instituição para a elaboração de produtos culturais. Apesar de não estarem diretamente vinculadas a este projeto, as pesquisas sobre Política Cultural, realizadas desde 2003 sob orientação de Albino Rubim, foram importantes para avaliar o processo de restauração e de reforma, o crescimento do turismo e a valorização da chamada “afro-baianidade” na área do Centro Histórico de Salvador.

Com o “Inventário Digital do Patrimônio Imaterial do Centro Histórico” buscou-se identificar, descrever e analisar o patrimônio imaterial desta área da cidade tombada como Patrimônio da Humanidade. Com o intuito de estudar as manifestações culturais localizadas nesse espaço, a partir de suas características tradicionais e inovadoras, esbarramos em um território cuja própria história revela tanto a diversidade cultural ali reunida como, também, a diversidade de iniciativas de preservação, de interesses comerciais, públicos, sociais e turísticos que atrai.

O produto realizado foi subdividido em dois eixos temáticos e outros dois de caráter mais informativo. Em “Outros Cotidianos” tem-se uma narrativa histórica do Centro Histórico e em “Inventariando Culturas” sintéticas descrições acerca das manifestações culturais, espaços de convívio, pessoas e personagens que fizeram e fazem parte da diversidade desse lugar. “Baixou no Terreiro” e “Descendo a Ladeira” são, respectivamente, extras – com vídeos, músicas, fotografias – e créditos finais. A elaboração deste produto permitiu registrar, através de histórias, sentimentos, épocas e cenários, o

tempo e a memória das ruas e sobrados do Centro Histórico. Para realizar o mapeamento do patrimônio imaterial utilizou-se como base teórica e metodológica o *Inventário de Referências Culturais*, elaborado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) - Ministério da Cultura (MinC) em 2000.

Considera-se o item “Inventariando Culturas” principal foco e contribuição deste produto. Neste eixo está a descrição do patrimônio imaterial estruturada em algumas categorias como Saberes, Fazeres, Celebrações, Lugares e Formas de Expressão. Estas nomenclaturas são usadas nos *Livros* que compõem o *Inventário de Referências Culturais* do IPHAN, por isso foram re-apropriadas neste estudo sobre o Centro Histórico.

A metodologia e a estrutura deste *Inventário de Referências Culturais* do IPHAN foram adaptadas à linguagem e tecnologia do *dvd-rom*, resultando no formato final por ora apresentado. A escolha por uma mídia interativa se justifica pela intenção de agregar em um único produto, além das descrições textuais, também recursos visuais, sonoros e audiovisuais, que oferecem uma maior dinâmica e uma multiplicidade de olhares ao leitor do *dvd-rom*. A opção por *dvd* e não *cd* foi exclusivamente técnica, visto que foi necessário ter grande capacidade de armazenamento de arquivos.

Cabe indicar que a utilização do termo Inventário teve como objetivo aproximar esta ação para o patrimônio intangível, elaborada como uma política cultural brasileira pelo MinC e IPHAN, a outras iniciativas, como a do “Inventário Digital do Patrimônio Imaterial do Centro Histórico”, de catalogação e divulgação da dinâmica cultural que está entrelaçada a um lugar, às práticas cotidianas, a sua situação social e, finalmente, sua história.

O leitor será apresentado em seguida ao Centro Histórico, ao conceito de Patrimônio Intangível, e à estrutura do produto conjugando Inventário e novas tecnologias.

IDENTIFICANDO O CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR

O Centro Histórico de Salvador - CHS, também chamado pela população e pelos turistas como simplesmente Pelourinho, abrange uma área que começa no Santo Antonio Além do Carmo e segue até o Largo de São Bento, próximo à Avenida Sete de Setembro. Este centro representa a antiga cidade colonial. O Carmo foi o primeiro bairro fora das “portas” que limitavam e protegiam a cidade. Neste lugar se instalaram os aristocratas da antiga cidade da Bahia e onde passou a acontecer a Feira da Cidade, a qual possuía o famoso “Pelourinho”, coluna que servia para molestar publicamente dos escravos que “roubavam” ou arranjavam confusões na Feira.

O antigo centro reúne, portanto, um conjunto arquitetônico e urbanístico do período do Brasil Colônia e do século XIX. Hoje se sabe que no Centro Histórico de Salvador está o maior acervo da arquitetura barroca na América Latina. Tombado como Patrimônio Cultural da Humanidade em 1985, pela Unesco, o Centro Histórico passou por uma série de intervenções governamentais, federais, estaduais e municipais de recuperação. No entanto, é possível perceber que uma movimentação social e cultural foi fundamental para atrair visibilidade a este local.

A salvaguarda do acervo do Centro Histórico, exclusivamente material, começa apenas no ano de 1959, quando são elencadas algumas medidas de proteção e conservação da área pelo governo federal, através do SPHAN (atual IPHAN) e da extinta Fundação Pró-Memória, e, em seguida, pelo governo do estado. A partir daí muitas outras iniciativas começaram a surgir. Vale ressaltar que os projetos de requalificação do Centro Histórico tinham fins explicitamente turísticos (Gomes, 1995).

Antes dessas ações para a preservação, houve um período de reapropriação do Centro Histórico, quando acontece a saída das chamadas “famílias tradicionais” do local, devido à epidemia da cólera e também do desconforto da cidade colonial, em direção aos bairros do Campo Grande, Canela, Vitória, Graça e Barra. Com isso, passaram a residir na área pessoas das camadas sociais mais populares, que viviam de atividades informais e descontínuas. O Centro Histórico passa a ser considerado um “gueto”, no qual os antigos sobrados se tornaram cortiços, e para onde havia se transportado o “baixo meretrício”, ou a “zona de prostituição”, que ficava localizado no Maciel de Baixo. Apesar disso, o centro político, social, econômico e financeiro da Bahia ainda funcionava nos arredores do Centro

Histórico. Sobretudo o Terreiro de Jesus era o local por onde circulava a população de Salvador, que ia trabalhar, ia para comércio ou para a boemia.

O Terreiro de Jesus sempre foi um cenário povoado de figuras e personagens populares e curiosas, da Bahia. As cadeiras dos engraxates eram acolhoadas, devidamente confortáveis, e com destacados encostos feitos de tapetes de retalhos muito criativos e bonitos. Os muitos lambe-lambe também enchiam o Terreiro, pareciam artistas, tal o nível de criatividade deles. Mostravam fotos com gente bonita, as máquinas eram verdadeiras caixas espelhadas. Eles tinham sempre caixas de talco de marcas variadas para suas clientes e alguns tinham até batom, caso alguma dama necessitasse.¹

Em 1967 é criado o IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (como Fundação), que em parceria com a Secretaria de Planejamento da Presidência, inicia um Plano de Recuperação para o Centro Histórico com projetos urbanísticos de saneamento básico, iluminação, calçamento e levantamento de fachadas. Em 1977, foi firmado um acordo com a CONDER – Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região Metropolitana de Salvador, para elaborar um Plano Diretor do Centro Histórico. Nenhum dos dois projetos foi concluído.

Na década de 1970 se inicia um processo de esvaziamento social quando foram desativados os principais equipamentos localizados na região. Saíram a Faculdade de Medicina, o Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, a sede do INCRA, a Academia de Letras da Bahia, o Jornal da Bahia; fecharam o Cinema Santo Antonio, o Cinema Popular, o Baneb e a Caixa Econômica; paralisaram o Plano Inclinado do Pilar e do Elevador do Taboão, além do terminal de ônibus da Praça da Sé. As instituições políticas do governo estadual foram transferidas para o recém-criado Centro Administrativo da Bahia – CAB, localizado na Avenida Paralela. Nesta ocasião também se intensificou a criação das avenidas de vale, que trouxeram uma nova dinâmica para a cidade e para o Centro Histórico, que deixou de ser lugar de passagem. Aconteceram ainda incêndios em diversos espaços, como no Liceu de Artes e Ofícios. Durante o período dos anos 1980 fecharam mais de 80 casas comerciais.

As décadas de 1970 e 1980 refletem também um período de movimentação política e sócio-cultural em torno da afirmação étnica. E o Centro Histórico foi, sobretudo neste período, tido como a “cidade negra” de Salvador. Toda população da capital passa a assistir

¹ Clarindo Silva, dono do restaurante Cantina da Lua, localizado no Terreiro de Jesus, em entrevista à autora no dia 22 de abril de 2006.

no Centro Histórico uma multiplicação de blocos afro (que começaram a existir nos anos 1950), de bares de reggae, da música percussiva – o axé, o ijexá, o samba-reggae – e da afirmação e questionamento da identidade, da imagem e da estética negras.

O lado festivo do Centro Histórico, como os entrevistados sugerem, nasce de várias iniciativas. Das paradas cívicas, como o Dois de Julho e o Sete de Setembro; das festas religiosas, como a Festa do Divino, a Festa de Santo Antonio do Categeró, a Procissão do Senhor Morto; e do carnaval, com os afoxés, os blocos de índio e afro, como o Mercadores de Bagdá, Filhos do Morro, Apaches do Tororó, Cacique, Comanche, Os Negões, Korin-Efan, entre muitos outros.

Na esfera governamental estadual a cidade de Salvador e outros locais do estado assumem um papel de “vocação” cultural e turística, na tentativa de potencializar o setor de serviços como vetor de desenvolvimento, inclusive para a geração de emprego e renda. Nesse sentido, compreende-se a apropriação no discurso político do grupo carlista (que desde 1995 e até os dias atuais está à frente do governo do estado) da identidade negra, que nesse momento articula-se com a questão da defesa cultural e com a participação nos circuitos mercantis de cultura. E isso vale também para a intervenção feita na área do Centro Histórico, que presencia um processo de investimento simbólico, sobretudo por parte de grupos culturais negros, como o Olodum, os Filhos de Gandhi e o Muzenza.

O Centro Histórico de Salvador tornou-se o principal projeto de recuperação do governo de Antonio Carlos Magalhães, em 1991. A planejada intervenção no local foi dividida em sete etapas, tendo intenção inicial de transformar a região em um “shopping a céu aberto”.² Atualmente este projeto encontra-se em sua sétima etapa que, diferente das anteriores, não é conduzida pelo IPAC, mas pela CONDER.

O projeto de revitalização iniciado da gestão de ACM se diferencia das anteriores iniciativas governamentais também na forma como a intervenção foi realizada. Ao invés de restaurar casas, resolveu restaurar quarteirões. Então, uma grande área do Centro Histórico era interdita para dar início ao processo de recuperação (para a qual não havia um estudo

² “Shopping a céu aberto” é uma expressão encontrada em peças publicitárias e matérias de jornais da época. A Bahiatursa possui um *clipping* sobre o Centro Histórico de Salvador com matérias desde 1990. Enquanto no início dos anos 90 aparece uma série de publicações sobre o “shopping Centro Histórico” divulgado em revistas e jornais da Bahia e de outros estados, ou como matérias ou como propagandas de turismo, a partir de 2000, os jornais, sobretudo o jornal A Tarde, adotam uma postura mais questionadora sobre o grande projeto que foi a Revitalização do Centro Histórico.

específico para cada prédio) e de padronização dos casarios, como pode ser visto na fala de Dimitri Ganzelevitch:

Como restauração não existiu. O que aconteceu foi uma restauração de 24 horas por dia. Três equipes se revezavam tinha que se cumprir prazos. Como que se quer fazer uma restauração de um Centro Histórico tão importante como o nosso a toque de caixa. Cada imóvel tinha que ter um estudo específico cada casa era um caso. Não, padronizaram tudo. Por exemplo, todas as portas foram pintadas deste famoso verde patrimônio, as esquadras das janelas eram todas iguais. Os telhados tiveram todos a mesma solução e a substituição das telhas. O tipo de telha exatamente o mesmo. A tinta era sempre acrílica, houve uma padronização da restauração que acabou com a alma do Centro Histórico. Tornou-se uma espécie de cenário para a TV Globo, que naquela época era a grande parceira do governo. Eu realmente quando vi o resultado fiquei satisfeito de ver que não havia mais ruína e terrenos baldios, cheios de ratos e de lixo, mas deixou de haver alma o Centro Histórico de Salvador se transformou em um grande cenário sem alma e começou haver regras de uso do espaço que eram completamente loucas. Primeiro era proibido no Centro Histórico alguém morar, seja quem fosse, portanto o que acontecia e o que acontece até hoje a uma certa hora, no começo da noite o térreo é iluminado e tem uso, são lojas, bares, restaurantes, você levanta os olhos tá tudo às escuras, tudo fechado tudo cego, não tem vida. Resultado os comerciantes passam a vida se queixando e com razão, pois é uma vida completamente artificial, só vive do turismo e das eventuais excursões de baianos.³

A principal crítica ao projeto refere-se à retirada da população (majoritariamente de baixa renda) que vivia nos antigos casarios, para alocar empreendimentos comerciais. Para “revitalizar” o Centro Histórico, o governo estadual promoveu uma desocupação da área, re-locando a população dali residente em subúrbios ou oferecendo uma indenização. Essa ação desarticulou não apenas uma organização social existente, mas, sobretudo, fez perder o vínculo de contato e de sociabilidade que dava sustento à cultura dali. Muitos dos antigos moradores que optaram por receber a indenização (que varia entre R\$ 1,4 mil a R\$ 2,8 mil) continuam morando no Centro Histórico, entretanto, nas ruas. Outros que optaram pela relocação questionam a escolha do local (eles foram transferidos para loteamentos em Coutos e Jardim Valéria), a obrigatoriedade do pagamento de aluguel, a distância da cidade etc.⁴

³ Dimitri é morador, dono de uma galeria e diretor da ONG Associação Cultural Viva Salvador no Centro Histórico. Entrevista realizada no dia 05 de agosto de 2005, por Carlota Gottschal e Mariely Santana para a pesquisa “Capital Cultural e Turístico do Centro Histórico de Salvador”.

⁴ Toda a polêmica causada pelo processo de retirada dos moradores do CHS pode ser vista no vídeo Pelores, de Marília Hugles e Aline Frey.

Muitas das manifestações populares e da movimentação cultural que aconteciam no espaço do Centro Histórico, como a Terça da Bênção, cederam lugar a uma programação de eventos organizada pelo governo do Estado através de projetos como o Centro Histórico Dia & Noite. Com a progressiva exclusão dos moradores e a exacerbação do consumo turístico, a diversidade cultural característica do local foi afetada.

No final da década de 1970 surge a Terça da Bênção. (...) Quando em 1977 Caetano gravou o disco do Ilê Ayê cantando, o Bloco cresceu na opinião pública. E com isso o Centro Histórico foi crescendo também. O período mais áureo da década de 1980 foi o fortalecimento da Terça da Bênção, o Centro Histórico ficava lotado, acontecia tudo ao mesmo tempo. A Terça da Bênção era o prenúncio do Carnaval que estava por vir, de muita gente e muita confusão. Foi quando teve uma intervenção, por parte do governo, no Centro Histórico para organizar a Terça da Bênção com enfoque nas apresentações musicais. Começou colocando policiamento, que era necessário. A partir dos anos 1990 a Terça começa a regredir. Hoje é ligada ao Centro Histórico Dia&Noite, e tem muito pouca diversidade cultural da programação, porque você sobe o Centro Histórico vê samba, chega no Largo do Terreiro vê samba, entra em uma casa e vê samba – samba é ótimo, mas existem outras coisas e outros tipos de samba.⁵

Dois pontos devem ser ressaltados com relação às mudanças recentes na história deste espaço, o movimento de resistência e o viver coletivo, ao mesmo tempo que se via decadência e riqueza local. A resistência, sobretudo nos anos 1980, após o reconhecimento do Centro Histórico de Salvador como patrimônio da humanidade, quando acontece um processo de especulação imobiliária e expropriação dos moradores de camadas mais pobres da região. Associações e projetos de luta e preservação do local também surgiam com e a partir da movimentação cultural. O projeto cultural da Cantina da Lua, a Escola Criativa do Olodum, e também as Irmandades das igrejas, são exemplos. Em 2002, durante a sexta etapa da reforma surgiu a AMACH – Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico, que reivindica, entre outras questões, a garantia de permanência dos moradores, a sua revitalização enquanto espaço social, e não apenas turístico, com supermercado, farmácia, comércio, escola, etc.

Esta ausência de espaços de convívio para a população da cidade, e da área do CHS, também indica a alteração do chamado “viver coletivo” da região. Muitos moradores que

⁵ Gerônimo, músico, realizador do Show o Pagador de Promessas, promovido nas escadarias da Igreja do Carmo, e proprietário do espaço Casa de Gerônimo no Centro Histórico, em entrevista à autora no dia 23 de maio de 2006.

viveram nestes locais nas décadas passadas, pelo menos desde os anos 1970, falam dos laços de respeito que existia. Apesar da maioria da população ser pobre e analfabeta, havia dignidade de valores e jeitos de viver, os mestres e as religiões, que a cidade de Salvador não reconhecia, pois apenas se divulgava o lugar da marginalidade e da prostituição.

Para mim o Centro Histórico é uma faculdade, uma universidade, eu aprendi muitas coisas aqui. Eu aprendi a viver. Eu não passei muito tempo no colégio estudando por que ajudava minha mãe, vendendo comida, acarajé. Tinha prostituição, mas tinha casa de família, e todas as prostitutas respeitavam as mães de família. Tinha um ambiente pesado no Centro Histórico, tinha a venda da maconha, mas não como hoje.⁶

Quando hoje circulamos pelo Centro Histórico já é possível perceber a profusão de Organizações-Não-Governamentais que atuam na região, sobretudo com o público jovem e infantil. A maioria dessas entidades trabalha com arte-educação e com valorização cultural. Essa presença pode trazer uma nova dinâmica social para a região.

Na descrição das políticas culturais implementadas no Centro Histórico podemos ver que a abrangência de ação governamental enfatiza o patrimônio material. Não existindo uma política específica para o patrimônio intangível. A manutenção ou ainda a alteração deste decorre de práticas sociais e projetos de cunho turístico não governamentais.

Devido a esta ausência foi, então, impulsionada a catalogação das manifestações, personagens e espaços culturais, tendo como base metodológica o instrumento *Inventário de Referências Culturais* que faz parte do Programa de Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), do Ministério da Cultura do Brasil. Cabe indicar que ações governamentais brasileiras para o patrimônio intangível foram iniciadas no ano 2000, sendo também recente a conceituação e debate deste termo na agenda internacional.

⁶ Mestre Prego, percussionista e coordenador da Escola Meninos do Centro Histórico, em entrevista à autora no dia 16 de maio de 2006.

CONSIDERAÇÕES SOBRE PATRIMÔNIO IMATERIAL

A idéia de patrimônio imaterial vem reafirmar a definição de cultura considerada como “conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças” (Unesco, 2001, p. 1).⁷

A chamada salvaguarda desses traços, ou seja, a proteção do patrimônio imaterial pode ser encarada como um dos fatores de fomento da diversidade e criatividade humanas. Falar de proteção de uma vivência da sensibilidade e dos sentidos pode parecer caminho estranho às políticas tradicionais de patrimônio, entretanto, o avanço na integração política e econômica perpassa pelo reconhecimento da cultura como fator estratégico para o desenvolvimento das localidades – seja um país, um estado, uma cidade ou até mesmo um bairro. A atual definição da política cultural brasileira que versa sobre a preservação, especificamente do patrimônio intangível, é resultado de um processo recente deste reconhecimento.

Durante o século XX, a cultura popular foi objeto de muitos estudos, entretanto, com enfoques, sobretudo, tradicionalistas. Os folcloristas, entusiastas da cultura popular, tratavam-na como essencialmente autêntica, fundadora de uma identidade nacional, alegando por essa razão a necessidade de preservá-la do processo de industrialização, da massificação urbana e das influências estrangeiras (Canclini, 1998). A cultura popular era caracterizada, portanto, como uma espécie de matriz mítica que dava aos objetos sentidos precisos. Posteriormente denominado humanismo romântico, esse pensamento essencialista pressupunha a cultura popular como sendo um elemento de alteridade, em outras palavras, um ideal simbólico autêntico.

Esta almejada autenticidade que se buscava nas expressões populares resultava da apreensão em definir uma identidade nacional unificadora, fundamental no momento de consolidação dos Estados Nacionais. Para os países da América Latina, em particular, defender, resgatar, consolidar e, enfim, promover a construção da identidade nacional foi

⁷ Definição usada na Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais (MONDIACULT, México, 1982), na Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento (Nossa Diversidade Criadora, 1995) e na Conferência Intergovernamental sobre Políticas Culturais para o Desenvolvimento (Estocolmo, 1998).

também um modo de combater a dependência política das antigas colônias, e possibilitar sua aceitação pelas “nações civilizadas”. Dessa maneira se compôs, no Brasil, uma política de preservação comum à maioria dos países latino-americanos, que, por um lado, privilegiava o tombamento do patrimônio cultural material e, por outro, atribuía uma autonomia imaginada ao folclore, valorizando assim mais a repetição e o resgate da cultura popular do que a sua transformação e o reconhecimento de suas mudanças. Para Nestor Garcia Canclini, “ao espiritualizar a produção e o consumo de cultura, ao desligá-la do social e do econômico, ao eliminar toda a experimentação e reduzir a vida simbólica da sociedade à ritualização de uma ordem nacional ou cósmica afirmada dogmaticamente, [pretendia-se] neutralizar a instabilidade do social” (1998, p. 168). Essa perspectiva cunhou os termos patrimônio imóvel – referente às edificações – e móvel – para definir as obras de artes que transitavam pelos museus –, ambos relacionados às “coisas”, desconsiderando, portanto, as manifestações do “espírito” que também configuram o patrimônio cultural.

Qualitativos como “paisagem cultural” e “patrimônio oral” antecederam a denominação “intangível”, possibilitando os primeiros passos para superação da dicotomia entre os aspectos material e imaterial, no trato do patrimônio cultural. Um monumento, por exemplo, se localiza em um contexto – cultural e natural –, sendo resultado de organizações sociais, modos de vida, crenças e representações de uma localidade. Essa noção “mesclada” do patrimônio decorreu, em especial, do repertório e simbologia populares, os quais associam objetos, práticas e estruturas socioculturais.

As artes, os modos de fazer, as festas e os lugares, ao serem classificados como referências culturais, indicam uma mudança na maneira de entender o patrimônio. Dessa forma, modificam também o conceito de identidade, que não pode ser considerada fixa, muito menos intrínseca (autêntica), mas provinda de uma complexa dinâmica de produção cultural. A partir daí, a idéia de “autenticidade” é substituída pela idéia de continuidade histórica, que reconhece o processo de transformação das tradições e do contato com outras sociedades e tecnologias.

Configura-se, especialmente com a intensificação da globalização, uma situação híbrida da sociedade e das localidades, nas quais coexistem culturas étnicas e novas tecnologias, formas de produção artesanal e industrial. Uma identidade local, portanto,

passa a incorporar e redefinir valores, comportamentos e uma multiplicidade de visões de mundo.

Para Joaquim Arruda Falcão, “a herança cultural tem de ser apropriada em sua dimensão pragmática. O patrimônio imaterial só molda a identidade cultural, quando molda também a prática cotidiana, de hoje e não apenas de ontem” (2001, p. 168). O sistema de proteção para o patrimônio imaterial deve traduzir as experiências do cotidiano dos cidadãos para que seja possível identificar a cultura local inserida numa realidade de tensões e múltiplos interesses, como pode ser visto no caso do Centro Histórico.

As políticas de preservação podem, então favorecer os apelos da diversidade, pois, ao mesmo tempo em que representam e viabilizam a continuidade dos valores da cultura popular, servem também como fonte criadora para produção de novas formas culturais (Torre e Mason, 2000). A Declaração da Unesco sobre a Diversidade Cultural reitera no artigo 7: “Toda a criação tem suas origens nas tradições culturais, porém se desenvolve plenamente em contato com outras. Esta é a razão pela qual o patrimônio deve ser preservado, valorizado e transmitido às futuras gerações como testemunho da experiência e das aspirações humanas, com o intuito de nutrir a criatividade em toda a sua diversidade e promover um verdadeiro diálogo entre as culturas” (Unesco, 2001, p. 4).

A garantia da diversidade, do pluralismo cultural e do acesso à cultura, aparece entre os objetivos essenciais da preservação do patrimônio intangível, e a consecução desses, protegendo as manifestações da cultura popular. O patrimônio imaterial, por tratar de processos dinâmicos e de formas de sobrevivência que são transmitidos e atualizados, como é definido pelo anteprojeto de Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da Unesco, pressupõe medidas de registro, divulgação, apoio e acompanhamento das mudanças.

O patrimônio cultural intangível é constituído por práticas, representações, expressões, saberes e fazeres – assim como instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes são associados – que comunidades, grupos e, quando for o caso, indivíduos reconhecem como parte de sua identidade e continuidade, promovendo assim o respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana. Esse patrimônio cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado por comunidades e grupos em resposta a seu meio-ambiente, sua interação com a natureza e suas condições históricas de existência. (Unesco, 2003, p. 2).

É preciso então que esta promova a criação de políticas patrimoniais a partir da diversidade de culturas, e, para tanto, as tecnologias de informação podem ser um recurso auxiliar importante.

POR QUE INVENTARIAR

Por entender a abordagem do patrimônio intangível como prática social, não se pode crer que a conservação de seus costumes tradicionais seja suficiente, antes se deve tratar da dinamização das condições sociais e históricas, assim como da diversidade de formas de interagir com o contexto globalizado, como elementos que configuram processos de produção desse patrimônio.

No Brasil, a atual idéia de Registro vem se contrapor à prática do tombamento, que prioriza a conservação do patrimônio cultural físico, de “pedra e cal”. Institucionalizado pelo Decreto-lei nº 25, de 1937, o tombamento prevaleceu na política patrimonial executada pelo principal órgão de preservação, o SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN. Roque de Barros Larraia (2004) ressalva que, no período de sua criação, o interesse para com os monumentos se justificava pela constatação de seu iminente desaparecimento, sendo os bens materiais considerados, nesta ocasião, mais vulneráveis que as manifestações imateriais.

A criação do SPHAN se inseriu num processo de institucionalização da presença do Estado na vida política e cultural do país. Nesse contexto, sua política respondia a três desafios: *estimular* a participação social na preservação cultural; *identificar* um “patrimônio cultural brasileiro” e; *consolidar* uma estrutura burocrática, nacional e eficiente (Falcão, 1984). Apesar de priorizar o patrimônio monumental, desde o início da política preservacionista brasileira já existia uma preocupação com o patrimônio imaterial. O anteprojeto para a criação do órgão, formulado por Mario de Andrade, indicava que era preciso preservar aquilo que foi inventado, criado e transformado pelo povo. O IPHAN se aproximou dessa perspectiva principalmente quando em 1979, na gestão de Aloísio Magalhães (1979-1982) como Secretário de Educação e Cultura (MEC), o Centro Nacional de Referências Culturais – CNRC foi incorporado à sua estrutura institucional através da Fundação Nacional Pró-Memória.

A construção de um sistema referencial da cultura, como pretendia o CNRC, ia de encontro às pretensões da cultura “oficial” (ou princípios oficiais da ditadura), cujas referências ou eram concretas ou eram folclorizadas. Nesse momento, se reivindicava os bens excluídos dos critérios do SPHAN, que tombava apenas o patrimônio considerado histórico e de excepcionalidade artística. Aloísio Magalhães critica: “o IPHAN se

preocupava principalmente com as coisas mortas. (...) é através das coisas vivas que se deve verificar que as do passado não devem ser tomadas como mortas” (1985, p. 75). Identificar, na dinâmica social, bens e práticas que são constantemente reelaborados evidencia a inserção da atividade de preservação, diferente do que acontece com o tombamento. Nesse sentido, foi conferido o estatuto de patrimônio histórico e artístico às produções culturais dos contextos populares e das etnias afro e indígena.

Nos anos 1980 começam a surgir novos conceitos, a exemplo da diversidade cultural. Em 1982, na Conferência da Unesco realizada no México, MONDIACULT, o ponto central de discussão das políticas culturais foi a identidade cultural, que não se acreditava homogênea, mas plural. Esse acontecimento é decisivo, pois, a partir dele todas as Constituições dos países latino-americanos passam a considerar a multiculturalidade e o caráter amplo da cultura. Esta mudança de paradigma encontrou uma conjuntura política favorável em quase todo subcontinente, que vivenciava os movimentos de redemocratização. Na Constituição Federal brasileira de 1988, os bens intangíveis foram incorporados legalmente à noção de patrimônio cultural, conforme expressa o artigo 216:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais incluem: i) as formas de expressão; ii) os modos de criar, fazer e viver; iii) as criações científicas, artísticas e tecnológicas; iv) as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; v) os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

A Constituição também estabeleceu a necessidade de se elaborar “outras formas de preservação” para as expressões de caráter imaterial. A preocupação com a documentação de manifestações, vinculadas principalmente à cultura popular, interessou a outras instituições federais, dentre as quais se destacou o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), vinculado inicialmente ao Ministério das Relações Exteriores (décadas 40 e 50), e hoje ligado à Funarte/ MinC (Fundação Nacional de Arte/ Ministério da Cultura). Estruturado como apoio às pesquisas acadêmicas e registros etnográficos, o CNFCP executa também programas de fomento à produção da cultura popular em comunidades específicas.

Estas e outras instituições estiveram representadas no Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial (GTPI), formado em 1998⁸, com responsabilidade de elaborar uma proposta de criação de um instrumento legal para instituir o Registro como principal modo de preservação, e estruturar um Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI).

O termo “referência cultural” que norteia os atuais Registro e Programa, foi introduzido no vocabulário das políticas culturais a partir de 1970, sendo utilizado, sobretudo, na definição da concepção antropológica de cultura que enfatiza a diversidade tanto da produção material, como também dos valores atribuídos aos bens e práticas culturais. Ao incluir tal expressão nesses recentes programas é sobressaltada a dimensão simbólica, e não tanto uma preocupação com o valor histórico-artístico do patrimônio. “Referências culturais não se constituem, portanto, em objetos considerados em si mesmos, intrinsecamente valiosos, nem apreender referências significa apenas armazenar bens ou informações. Ao identificarem determinados elementos como particularmente significativos, os grupos sociais operam uma ressemantização desses elementos, relacionando-os a uma representação coletiva, a que cada membro do grupo de algum modo se identifica” (Londres, 2000, p. 124).

O Decreto nº 3 551/ 4 de agosto de 2000 legitimou o Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial, aplicado em quatro Livros, formando o *Inventário Nacional de Referências Culturais*, a saber: Livro de Registro dos Saberes; Livro de Registro das Celebrações; Livro de Registro das Formas de Expressão e Livro de Registro dos Lugares. Este Registro apresenta como diferencial dos processos de registro anteriores, a preocupação em avaliar periodicamente (dez anos) a permanência das manifestações e a intenção em realizar um trabalho em conjunto com a sociedade.

O Programa Nacional do Patrimônio Imaterial vem complementar o Registro e o Inventário. Esse tem como prioridade, em uma primeira etapa, a investigação e divulgação do patrimônio imaterial. Por esse motivo, foram apenas delineadas algumas formas de apoio aos produtores e mestres da cultura popular, sem maiores detalhamentos. O Programa visa promover a participação de estados e municípios na implementação de

⁸ Criado após o Seminário Patrimônio Imaterial: Estratégias e Formas de Proteção, comemorativo dos 60 anos do IPHAN, o qual resultou na Carta de Fortaleza (1997), tem participação dos seguintes órgãos federais: IPHAN, MinC, FUNARTE, Fundação Cultural Palmares, Fundação Casa de Rui Barbosa, Fundação Biblioteca Nacional e Secretaria de Patrimônio, Museu e Artes Plásticas.

políticas públicas para o patrimônio imaterial, assim como implantar uma rede de sócios, com entidades da sociedade civil organizada e do setor privado, a fim de ancorar recursos técnicos, institucionais e financeiros. Objetiva também trazer subsídios internacionais e utilizar recursos financeiros do Fundo Nacional de Cultura e do Plano Plurianual do Ministério da Cultura. Pretende ainda fomentar a promoção dos bens imateriais e sensibilizar a população, através dos meios de comunicação e ações educativas.

Esses dois últimos pontos são cruciais, pois são necessárias também políticas públicas que visem a melhorar as condições de vida da comunidade, fator essencial para a permanência e a difusão da cultura local. Como mostra o dossiê para registro do samba de roda do Recôncavo baiano na Lista do IPHAN,

o principal risco de desaparecimento do samba de roda está ligado à desvalorização social de que são vítimas seus praticantes. Em sua maioria, negros; falantes de português dialetal estigmatizado socialmente; em situação econômica precária (vivendo de agricultura de subsistência, da pesca, de aposentadorias irrisórias, muitas vezes com família para sustentar); eles não se apresentam, para a maior parte da juventude da região, como modelos a imitar, mas antes como a personificação de um estado do qual se quer escapar (Sandroni, 2004, p. 65).

Cecília Londres (2001) acredita que a iniciativa do Decreto nº 3 551/ 4, sobre o Inventário de Referências Culturais, significa uma oportunidade para se formular políticas públicas de patrimônio a serviço de todos os grupos da sociedade brasileira. Tal política não pode, porém, limitar-se ao registro, qual muitas vezes aconteceu no passado. Além das iniciativas de pesquisa e informação, são importantes medidas para o fomento à produção artística; para a educação formal e difusão midiática. Dessa maneira, surgem instrumentos de salvaguarda do patrimônio intangível.

ADAPTAÇÃO DA METODOLOGIA E CRIAÇÃO DO PRODUTO

O “Inventário Digital do Patrimônio Imaterial do Centro Histórico de Salvador” adaptou à mídia do *dvd-rom* o Inventário de Referências Culturais, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O conteúdo do *dvd-rom*, entretanto, não pode ser comparado aos dossiês e estudos desenvolvidos pelo Inventário, tendo um caráter mais próximo ao de um catálogo do patrimônio intangível dessa região de Salvador. A estrutura do inventário digital segue ainda a divisão temática dos Livros de Registro do IPHAN, sendo classificada como: Lugares, Celebrações, Formas de Expressão, Saberes e Fazeres.

Para cada tema do inventário, que no *dvd-rom* recebe o nome de “Inventariando Culturas”, é feita uma segunda divisão, na qual estão descritos os diversos itens que compõem o patrimônio imaterial do Centro Histórico. As narrativas construídas para esses itens são sintéticas e estabelecem conexões entre os diversos temas (Livros), que constituem, de certo modo, a diversidade cultural do local. Assim, os pontos dessa estrutura se interligam e dialogam, como em rede, através dos *hiperlinks* e hipertextos, permitindo uma navegação transversal pelos patrimônios intangíveis do Centro Histórico.

Optando por oferecer um panorama o mais amplo possível do patrimônio imaterial desta área foram descritas as características e informações básicas e de fácil acesso sobre os itens estudados. Considerando os bens imateriais como patrimônios vivos, reconhecidos pela população local e tendo uma continuidade histórica que torna-o importante aspecto da identidade cultural da região hoje, foram catalogadas as manifestações que ainda fazem parte do imaginário cultural de Salvador. O estudo sobre o termo auxiliou na criação deste “critério” de seleção.

Interativa, a mídia escolhida pretende estimular ao leitor novas articulações entre conteúdo e técnica, conhecimentos e imagens, tal como a simbologia da cultura popular também interliga histórias e estórias. Nesse sentido, este inventário digital é uma tentativa de tornar o registro patrimonial contemporâneo algo que pode ser feito por diversas pessoas e instituições (e não apenas por especialistas e órgãos governamentais) e com isso ter um constante processo de produção, utilizando como recurso o uso das novas tecnologias.

A versão em *dvd-rom* conta com as vantagens de ser portátil, econômica, com capacidade de armazenar e interagir texto, imagem, animação e som, estimulando uma navegação transversal e criativa. A idéia é que, após a formatação do inventário digital em

dvd-rom, seja feita a experiência de transformá-lo em site, o que permitiria uma atualização mais imediata.

Algumas etapas, ou passos metodológicos podem ser classificados como processos fundamentais para a realização do produto final:

- Trabalho Preliminar

Primeiro foi realizado um trabalho de revisão bibliográfica sobre a definição do patrimônio imaterial, a política de patrimônio no Brasil, e as políticas implementadas, as histórias, as notícias de jornais sobre o Centro Histórico de Salvador. Esse estudo serviu de base para perceber qual o modo e qual a idéia que está por trás de se realizar um inventário sobre diversas formas e manifestações culturais de uma localidade. Essa fase teve início no semestre anterior ao de realização do mapeamento e do produto (no período acadêmico se refere ao 2005.2). A revisão bibliográfica foi essencial para escrever “Outros Cotidianos”, o primeiro eixo que aparece no *dvd-rom*, que faz uma descrição sobre a história da área.

Nesta fase foi igualmente necessário estudar o formato do *Inventário Nacional de Referências Culturais*, instrumento da política nacional, que serviu tanto para classificação do patrimônio imaterial do Centro Histórico como também para definição do que era substancialmente interessante para o produto. A metodologia do Inventário de Referências Culturais do IPHAN, que oferece fichas com perguntas fundamentais para a caracterização dos bens inventariados, auxiliou na elaboração de roteiro para as entrevistas e mapeamento do patrimônio intangível do CHS. A partir do roteiro foram construídos os textos sintéticos para cada item do inventário.

O território que foi estudado se adequou à poligonal reconhecida como patrimônio da humanidade pela Unesco (como já dita, a área do Santo Antonio Além do Carmo até o largo do São Bento). Sendo este o local de ação das políticas, estaduais e nacionais, para preservação do patrimônio cultural.

- Reconhecimento

Após a análise do material teórico e metodológico, a etapa seguinte foi “observar e reconhecer a área de estudo”. Circular pelas ruas, becos e ladeiras do “Pelô”, assim como uma moradora da cidade que vai buscar divertimento naquele local, mas também começa a

anotar, registrar e conversar com moradores, ambulantes, comerciantes e turistas. Foram necessários três meses (de abril a junho de 2006) para esta fase de pesquisa de campo que teve como procedimento: primeiro a catalogação de referências e potenciais entrevistados; depois a adequação desse primeiro conjunto de bens imateriais nos livros de registro do IPHAN (o que estaria em celebração, fazer, saber, lugar ou forma de expressão); o passo seguinte foi aprofundar a pesquisa de cada item. Neste momento, portanto, são realizadas observações sistemáticas e entrevistas, que, cada vez mais, indicavam novas pessoas, novas histórias e lugares para a pesquisa sobre a riqueza e a imaterialidade do Centro Histórico.

Foi feito um trabalho descritivo do mapeamento do patrimônio imaterial. Foram listadas instituições e pessoas importantes daquele local que pudessem contribuir como fontes de informações. Por exemplo, as festas religiosas: ligar para pastoral, ir na igreja entrevistar párocos e funcionários, ir nas missas e conversar com os devotos, procurar livros e estudiosos que pudessem balizar a importância dos festejos, e após essa pesquisa relacionar quais são as festas mais emblemáticas e representativas do Centro Histórico e descartar aquelas que têm uma menor participação da comunidade local. As celebrações, os mitos, estórias, personagens também foram catalogados como referências daquele espaço. Nesta fase da pesquisa, foi essencial (e divertido) a participação nas festas e lugares de maior movimentação cultural.

- Registro

O grande diferencial e a justificativa de elaborar um inventário digital é poder agregar à leitura dos bens imateriais (que, às vezes, torna-se cansativa) uma diversidade de olhares sobre este patrimônio imaterial através de fotos, vídeos, músicas e depoimentos. O levantamento e a busca por materiais iconográficos e musicais já produzidos sobre a região do Centro Histórico de Salvador, e também a realização de novos registros em áudio e em fotografia, foi feito em paralelo com o mapeamento e pesquisa, tendo um maior enfoque no último mês (junho). Foi também solicitada a produção de desenhos que ilustrassem a área e que dessem uma estética interessante para o *dvd-rom*. O ponto mais difícil foi catalogar e conseguir imagens que ilustrassem épocas antigas do Centro, o que é importante para dar esse caráter de permanência e continuidade dos bens catalogados em um período histórico.

- Formatação

Esta fase caracteriza-se como a parte de criação e de produção do “Inventário Digital do Patrimônio Imaterial do Centro Histórico de Salvador”. Houve um trabalho presencial de seleção de materiais fotográficos, fonográficos, audiovisuais já produzidos. Envolvemos parceiros para a criação de desenhos, fotografias, trilha para compor o cd. Por fim, foram discutidos formato, estrutura e estética do *dvd-rom* com a *webdesigner*.

Tendo arquivos de diversos conteúdos e formatos, foi preciso analisar todo o material coletado em conjunto com as opiniões de pessoas que transitam no Centro Histórico e com as regras do inventário patrimonial. A divisão temática utilizou a metodologia do inventário. A tecnologia do *dvd-rom*, com sua conexão em *hiperlinks*, sua multi-possibilidade de agregar diversos formatos foi um estudo feito em parceria com a *webdesigner*. Foi preciso selecionar os textos, seus tamanhos e sua adequação para um produto digital. As imagens tiveram que, primeiro, receber autorização de uso de seus autores ou tutores.

Para a construção do *dvd-rom* foi utilizado como contraponto alguns *sites* como o da Empresa de Turismo de Salvador - Emtursa (www.emtursa.ba.gov.br/) e o do Centro Histórico Virtual (www.Centro_Históricovirtual.com.br/), que apresentam alguns aspectos do patrimônio imaterial do Centro Histórico, de modo, entretanto, exótico, como elementos diferenciais para o turismo de Salvador. Nesses *sites* pode-se perceber uma valorização da identidade cultural de um modo estereotipado, que tem como meta atingir o público externo, os turistas. Outro *site* que foi navegado para entender melhor a sua estrutura e a maneira como agrega um vasto material deixado por seus participantes, sendo constantemente atualizado com textos, imagens, fotografias, etc, foi o Overmundo (www.overmundo.com.br).

Em paralelo com a estruturação do *dvd-rom*, foi também dada a formatação final para a memória, nos meses de junho e julho, com a indicação de os percursos conceitual e prático base de construção do “Inventário Digital do Patrimônio Imaterial do Centro Histórico” de Salvador.

DESENHO E FINALIZAÇÃO DO DVD-ROM (PRODUTO)

Trabalho de pesquisa e criativo, a elaboração do produto final reuniu as fases descritas na metodologia que orientaram a organização dos eixos que estruturam a mídia e a seleção do material ilustrativo com objetivo de dinamizar e tornar interessante para o leitor a navegação pelo *dvd-rom*.

Menu Principal

- Outros Cotidianos
- Inventariando Culturas
- Baixou no Terreiro
- Descendo a Ladeira

A introdução possui fotos e trilha musical feitas exclusivamente para o *dvd-rom* (com exceção da primeira foto da introdução, dos casarios da Ladeira da Montanha, do acervo do fotógrafo Márcio Lima). O critério utilizado foi não registrar explicitamente o patrimônio físico do Centro Histórico, mas apresentar seus moradores, suas áreas de convívio e de circulação.

Os títulos remetem à intenção de cada eixo. “Outros Cotidianos”, fala de alguns períodos da história do Centro Histórico na tentativa de narrar, um pouco, o cenário e contexto da área em três “épocas” diferentes. “Inventariando Culturas”, brinca com o termo “inventário”, que tanto pode ser um registro sério de um programa da política patrimonial do Ministério da Cultura brasileiro, como remete também à invenção e constante recriação de manifestações culturais. “Baixou no Terreiro” é a parte que contem os extras, vídeos, fotografias, mapa e referências bibliográficas que podem ser “baixadas” pelo usuário do *dvd-rom*. “Descendo a Ladeira”, cuja foto é uma escada, simboliza aquela hora que dizemos “adeus”, ou melhor, “até breve”, e nos despedimos fechando o *dvd-rom*.

Menu Outros Cotidianos

- No tempo que a turma ia (passear na Rua Chile)
- No tempo que (branco) não entrava no (Pelô)
- No tempo quem governava era Antonio (Carlos Magalhães)

Os títulos são paródias da música “Tradição” de Gilberto Gil, os parênteses indicam as novas metáforas. Os textos foram produzidos (pela autora do TCC) depois de realizados o mapeamento do patrimônio imaterial e a revisão bibliográfica sobre a área do Centro Histórico, eles, entretanto, não possuem rigor de um texto acadêmico, sendo interpretações desses outros cotidianos.

“(passar na Rua Chile)” refere-se aos últimos anos áureos do Centro Histórico. As famílias e equipamentos culturais começavam a sair da região, mas esta ainda era considerada um ponto central da cidade, com práticas das mais variadas, seja o *fotting* pelas lojas da Rua Chile ou a ida aos cabarés.

Preto não entrava no Clube Baiano de Tênis por deliberação de uma sociedade classista e racista que nos anos 1970 vê emergir no Centro Histórico um gueto cultural, de muita força e reivindicação política, mas que é rejeitado e desqualificado até virar moda, com o auge do samba-reggae, carnaval e terça da bênção. Até então, nenhum “(branco)”, leia-se aqui a maioria da classe média e média alta de Salvador, não se interessavam em circular pelo “(Pelô)”.

Depois do impacto midiático, do reconhecimento internacional, e com a intenção de estabelecer bases para uma política de cultura e turismo, no governo de Antonio Carlos Magalhães, após a redemocratização do Brasil, inicia as primeiras etapas de um processo de restauração do Centro Histórico, que até hoje ainda continua sendo executado e que carrega bastante polêmica na sua forma e resultados alcançados. Apesar de ACM não ser mais o governador da Bahia (já que o item se refere ao período de 1990 até 2006, é interessante explicar para não parecer um erro), os governadores eleitos após sua gestão (entre 1991 e 1995) são do mesmo partido político (Partido da Frente Liberal) e deram continuidade à sua política cultural e de turismo.

Menu Inventariando Culturas

- Celebrações
 1. Festas Religiosas
 2. Festas Populares
- Saberes
 1. Personagens

2. Estórias
 3. Personalidades
- Fazeres
 1. Ofícios
 2. Mestres Populares
 - Lugares
 1. Antigos pontos de encontro
 2. Convívio e ideologia
 3. Agitação cultural
 - Formas de Expressão
 1. Linguagens
 2. Blocos Afros e Afoxés
 3. Arte de rua

O eixo “Inventariando Culturas” possui uma série de subdivisões e para cada item buscou-se retratar com fotografias, músicas e depoimentos, a sua complexidade. Essa foi uma das partes mais trabalhosa, e que, por esta razão, possui uma maior quantidade de “erros”. Os textos tiveram problemas em sua redação e na referência das fontes. A lista de entrevistas realizadas, por exemplo, não foi incluída. Algumas fotografias também ficaram de fora, por causa do tempo exíguo na finalização do *dvd-rom*.

Pretende-se, entretanto, dar prosseguimento ao trabalho de mapeamento do Centro Histórico de Salvador, com ênfase no patrimônio imaterial, para que até o final do ano o *dvd-rom* seja transformado em *site*. Por enquanto, foi acertado com o Instituto Cultural Casa Via Magia para que o *site* do Centro Histórico fique hospedado no portal desta instituição. Com isso, alguns itens que ficaram incompletos e que prescindem de mais pesquisa serão finalizados. A idéia é que o *site* possa ser atualizado por diversas pessoas, que se interessem pelo tema e queiram contribuir com mais textos, imagens, músicas, vídeos etc.

Menu Baixou no Terreiro

- Rodando a Baiana
- Acompanhando o Cortejo

- Compra um colar aí
- Lero Lero

Neste eixo estão reunidos produtos sobre o Centro Histórico de Salvador elaborados por diferentes pessoas e artistas. Esses produtos ilustram o que esperamos de contribuições para o *site*. A liberdade da escolha dos títulos, com frases ou dizeres que ouvimos pelo Centro Histórico, indica também as variadas possibilidades de arquivos que podem ser anexados. “Rodando a Baiana” são vídeos recentes produzidos sobre a região; “Acompanhando o Cortejo” é um mapa da área do Centro histórico e bairros vizinhos; “Compra um colar aí” são fotografias formatadas como *wallpapers*, ou seja, figuras que podem ser utilizadas como plano de fundo da área de trabalho de computadores; e “Lero Lero” é um documento, em *word*, que contém uma catalogação de referências bibliográficas sobre a temática trabalhada.

Descendo a Ladeira

- Créditos finais

Finalmente, os créditos de todos aqueles que participaram e auxiliaram a elaboração do *dvd-rom* sobre o “Inventário Digital do Patrimônio Imaterial do Centro Histórico de Salvador”.

CONCLUSÃO

A abordagem do patrimônio imaterial aberto a redefinições, interpretações e usos evidencia a idéia de que sua preservação é uma prática social. Sendo assim, a preocupação está em manter vivo este patrimônio nas comunidades culturais, as quais recordam e recriam seu significado em cada período histórico, respeitando a dinâmica interna das suas expressões, sem desconsiderar que essas interagem continuamente com desenvolvimento industrial, os meios de comunicação, o turismo, etc.

A conservação do patrimônio intangível é dita como fonte identitária do território e impulsionadora da criatividade cultural. Assim, medidas não apenas do governo, mas vinda da sociedade civil como registros alternativos que tratem do patrimônio imaterial de uma localidade devem ser disseminadas. Com o Inventário Digital do Patrimônio Imaterial do Centro Histórico de Salvador o intuito foi valorizar o repertório cultural dessa região e com isso identificar de que modo suas manifestações e bens culturais, que causam uma certa resistência hoje com relação à sua repetição de formatos.

A prática de registros é indispensável, no entanto, não se pode esquecer que outras ações são necessárias para complementá-la e fortalecê-la. O inventário em *dvd-rom*, e quem sabe futuramente o *site*, poderão servir não apenas para divulgar informações sobre os bens imateriais, mas como um instrumento também de análise da cultura local.

A comunidade que ainda vive no Centro Histórico tem um grau de escolaridade baixo. No entanto, muitos dos moradores, empresários, artistas ou agitadores culturais do Centro Histórico de Salvador carregam conhecimentos universais e valores humanos que não são possíveis de serem expressos na sua riqueza em um Inventário, mas é fácil vivenciá-los em seu próprio lugar e mistério.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1998.

FALCAO, Joaquim Arruda. Patrimônio Imaterial: do conceito ao problema de proteção. In: **Revista Tempo Brasileiro**, out.-dez., nº 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

_____. Política cultural e democracia: a preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. In: MICELI, Sérgio. **Estado e cultura no Brasil**. São Paulo: Difel, 1984.

GOMES, Marco Aurélio de Filgueiras (Org.) **Pelo Pelô**: historia, cultura e cidade. Salvador: Edufba, Faculdade de Arquitetura, 1995.

LARRAIA, Roque de Barros. Patrimônio imaterial: conceito e implicações. In: TEIXEIRA, João Gabriel L.C. et al (org). **Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização**. Brasília: ICS-UnB, 2004.

LONDRES, Cecília. Referências culturais: Base para novas políticas de patrimônio. In: IPHAN-MinC. **Inventário Nacional de Referências Culturais – Manual de Aplicação**. Brasília, 2000.

_____. Para além da “pedra e cal””: por uma concepção ampla de patrimônio. In: **Revista Tempo Brasileiro**, out.-dez., nº 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

MAGALHÃES, Aloísio. **E triunfo?** A questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

TORRE, Marta de la e MASON, Randall. Valores e conservação do patrimônio nas sociedades em processo de globalização. In: UNESCO. **Informe Mundial sobre a Cultura: diversidade cultural, conflito e pluralismo (2000)**. São Paulo: Moderna, 2004.

SANDRONI, Carlos. **Dossiê para registro do samba de Roda no Recôncavo Baiano**. IPHAN. 2004

UNESCO. **Anteprojeto da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**, Paris, 2003.

_____. **Declaração Universal sobre Diversidade Cultural**. Paris, 2001.

APÊNDICES

Lista de Entrevistados⁹

Clarindo Silva, Cantina da Lua, dia 22 de abril de 2006.

Dona Penha, moradora do CHS, dia 20 de maio de 2006.

Erenilton, Afoxé Filhos do Korin Efan, dia 20 de maio de 2006.

Gerônimo, Casa de Gerônimo, dia 23 de maio de 2006.

Humberto Gomes Ferreira (Bin Laden), antigo morador do CHS, dia 20 de maio de 2006.

Mestre Prego, Escola Meninos do Pelô, dia 16 de maio de 2006.

Padre Joseval, Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, dia 23 de maio de 2006.

Rangel Blequimobiu, antigo freqüentador da Rocinha do Pelô, dia 12 de junho de 2006.

Rosa, trançadeira, dia 16 de abril de 2006.

Valquíria (beata), Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, dia 16 de maio de 2006.

Wilson Eduardo Alves de Freitas, conselheiro da Irmandade da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, dia 27 de março de 2006.

⁹ Todas as entrevistas foram concedidas à autora do TCC.

Outros cotidianos

Giuliana Kauark

No tempo que a turma ia passear na Rua Chile

(entre 1930 e 1950)

Teve uma época que em que o Centro Histórico era, de fato, o Centro da cidade. Local de passagem de bairros localizados em regiões mais periféricas, a exemplo da Liberdade. Lugar onde ainda ficavam os principais equipamentos da cidade - seja de ensino, do poder legislativo e executivo, as instituições culturais, os jornais, etc. Espaço também de convívio e comércio - seja na Rua Chile ou no Beco do Amor. Ali, quase toda a população baiana se encontrava. O *fotting* no fim da tarde, era o passeio que as moças e rapazes faziam, circulando pelas lojas Slopper, Duas Américas e Sorveteria Cubana. Em lugares como o Café das Meninas e Civilização Brasileira poderia se encontrar intelectuais e artistas da cidade, que ali conversavam e davam início à noite boêmia do Pelourinho.

Entre a década de 1930 e 1940, as famílias tradicionais, que antes moravam nos grandes casarios do Centro Histórico, dali já haviam se mudado. É nesse período que se inicia a desocupação do Pelourinho, que resultará no início dos anos 1970, numa desqualificação da região do Pelourinho, mas principalmente, da população que ocupou o espaço - pessoas das camadas sociais mais populares, que viviam de atividades informais e descontínuas. É neste período que é transferido para o Centro Histórico - em uma ação da Delegacia de Jogos e Costumes - o chamado "meretrício" para aquele local.

Os nomes de algumas ruas do Pelourinho carregam a história dos antigos cabarés que ali se instalaram: Beco do Amor e "Brega" (palavra que hoje tem significado de lugar de prostituição, era o nome de uma Rua Padre Manoel da Nóbrega, que por estar desgastada e apagada algumas letras, só restaram o pedaço "Brega"). Existiam diferentes cabarés e castelos, para diferentes clientes. Os mais famosos eram o Cabaré do Zazá, o Tabaris, o Rumbadancing, o Simara, o Pigare e o 63 (na Ladeira da Montanha). Tinham os de elite, os mais populares, os que pagavam por hora de dança, os que também eram cassinos, etc. Muitas personalidades reconhecidas da Bahia por estes espaços conviveram como Jorge Amado, Dorival Caymmi e Carybé.

O Pelourinho era uma festa não apenas à noite. Os ritos religiosos que pelo Centro circulavam (e ainda circulam) com suas procissões, a festa do Dois de Julho e o Carnaval animavam a vida local. As expressões da cultura afro, como a capoeira e os afoxés, nesse período era discriminadas. A capoeira era vista como marginalidade e a batida afro, cuja referência vindo do culto do candomblé só podia funcionar com autorização do governo. Nem o samba, que no governo de Getúlio Vargas ganha status de expressão máxima da identidade nacional, na Bahia não é valorizado em sua raiz afro-mestiça.

No tempo que branco não entrava no Pelô

(entre 1960 e 1980)

Salvador cresce, torna-se uma cidade mais empresarial e com uma nova configuração urbana. São inauguradas as avenidas de vale, a avenida sete é alargada, o Pólo Petroquímico de Camaçari, o Centro Administrativo da Bahia e os *shoppings centers*. Ao mesmo tempo, são desativados o bonde, que circulava pelo Pelourinho e Rua Chile, o terminal de ônibus da Praça da Sé, o Plano Inclinado do Pilar e o Centro Histórico deixa de ser um lugar central, de passagem necessária. Começam também a migrar, ou simplesmente fechar, diversas casas empresariais e importantes equipamentos localizados na região. Saíram a Faculdade de Medicina, o Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, a sede do INCRA, a Academia de Letras da Bahia, o Jornal da Bahia, fecharam o Cinema Santo Antonio, o Cinema Popular, o Baneb e a Caixa Econômica.

Com toda essa desarticulação urbana e social, o Pelourinho vira um "gueto", com os casarios transformados em cortiços, em que moravam muitas famílias e com "baixo meretrício" que perde o seu glamour. O "Pelô" passa a ser reconhecido apenas como "Comunidade do Maciel" (Maciel - de Cima e de Baixo - eram bairros localizados no Centro Histórico nos quais havia muitas casas de prostituição e venda de maconha). Poucos continuaram freqüentando a região.

A década de 1970 é marcante para a movimentação em torno da afirmação étnica e política. Em plena ditadura militar e no auge do movimento internacional black power, o Pelourinho passa a ser local onde se reuniam jovens militantes do movimento negro ou vinculados aos clandestinos partidos de esquerda. E é através da estética e da arte que essas pessoas passam a expressar os seus ideais. A música passa a ser o ícone mais representativo do Centro Histórico. Além de músicos reconhecidos como Gilberto Gil e Caetano Veloso, que no movimento tropicalista e depois dele passam a dar atenção à música "marginal", "afro", que se produzia na periferia de Salvador, muitos blocos de carnaval surgem nessa época, trazendo além da percussão - que se tornaria característica da atual música baiana - um discurso político e uma ação social.

Neste momento surgem muitas das ações e linguagens que hoje são vistas e vivenciadas no Pelourinho. A criação do Olodum, o reconhecimento do Ilê Ayê, os outros blocos e afoxés, a festa da Terça da Bênção, as missas que intercambiam a cultura católica branca com a negra dos escravos, a capoeira que passa a ser considerada esporte e disseminam-se os bares de reggae - que viria a ser incorporado pelo samba-reggae. Com toda movimentação cultural no Pelourinho, a mídia passa a dar destaque a esta localidade. O Pelô torna-se, nos anos 1980, "point", para onde iam diversas pessoas de diferentes classes sociais.

Na esfera governamental já haviam sido iniciadas algumas tentativas de recuperação da área, seja através do governo federal com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e com a Fundação Pró-Memória, ou pelo recém-criado Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. Nenhum projeto, entretanto, foi concluído, e todos indicavam ações para o patrimônio físico, ou seja, material. Em 1985, o Centro Histórico de Salvador é reconhecido como Patrimônio da Humanidade pela Unesco. A partir daí, aumenta o

enfoque em planos e projetos para transformar o Pelourinho em um local de atração turística, sobretudo, mundial.

No tempo quem governava era Antonio Carlos Magalhães

(entre 1990 e 2006)

A partir do ano 1991 Antonio Carlos Magalhães volta ao governo do estado, iniciando uma nova fase da política cultural do estado da Bahia. Com investimentos para a cultura e o turismo, pretendia-se transformar o setor dos serviços, no qual se localiza a cultura, como um importante vetor de desenvolvimento econômico do estado. É também neste período, que se pauta a questão sobre a baianidade.

A atuação do governo foi bastante incisiva nas propagandas que difundiam a cultura e afro-baianidade para fora do estado. Com isso, passa-se a ter mais atenção para os festejos e crescem os ofícios informais (como trançadeira, venda em barracas, artistas de rua, etc) e também os “marginais” (como prostituição, venda de drogas e roubos) Uma característica forte dessa política da identidade é ter como meta atingir o público externo, os turistas, e a partir dessa promoção da identidade, incentivar um movimento de valorização da cultura local.

Entretanto, o projeto de recuperação desencadeado no governo de ACM, previa para efetivar o restauro do patrimônio físico do Pelourinho, dividido em quarteirões, a desocupação dos antigos casarios. A nova utilização dos imóveis seria, basicamente, para o comércio. A intervenção feita por este projeto (que atualmente se encontra na sétima etapa) não englobava ações para a memória, as festas, as atividades desenvolvidas no local. Até mesmo serviços básicos em um bairro residencial, como farmácias e padarias, por exemplo, no Pelourinho são poucos. Com isso, em 2002 surgiu a AMACH – Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico, que reivindica, entre outras questões, a garantia de permanência dos moradores do CHS e a sua revitalização enquanto espaço social, e não apenas turístico.

Inventariando Culturas

Giuliana Kauark¹⁰

I - Celebrações

Ritos Religiosos

Festas Populares e Cívicas

Eventos Institucionais

II – Saberes e Fazeres

Personagens

Personalidades

- **Música**
- **Religião**
- **Liderança Comunitária**

Ofícios

Mestres Populares

- **Capoeira**
- **Artesões musicais**
- **Culinária**

III - Lugares

Antigos pontos de encontro

Convívio

Espaços culturais

IV - Formas de Expressão

Linguagens

Grupos Culturais

¹⁰ Os textos apresentados nesta memória estão atualizados com relação aos itens do *dvd-rom*. Esse inventário será publicado pela Edufba, em parceria com a SEI – Superintendência de estudos econômicos do estado.

I – CELEBRAÇÕES

Nesta categoria incluem-se os principais ritos e festividades associados à religião, à civilidade, aos ciclos do calendário, etc. São ocasiões diferenciadas de sociabilidade, envolvendo práticas complexas com suas regras específicas de distribuição de papéis, a preparação e o consumo de comidas e bebidas, a produção de um vestuário específico, a ornamentação de determinados lugares, o uso de objetos especiais, a execução de música, orações, danças etc. São atividades que participam fortemente da produção de sentidos específicos de lugar e de território. (INSTITUTO, 2000, p. 10).

Ao aplicarmos a descrição desta categoria às celebrações do Centro Histórico de Salvador encontramos e as subdividimos em três segmentos: os Ritos Religiosos; as Festas Populares e Cívicas e; os Eventos Institucionais, no caso, promovidos pela Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia.

No item Ritos Religiosos estão incluídas procissões, missas e festas, que se diferenciam na forma como são cultuadas e no modo como se envolvem os participantes. Enquanto nas missas e procissões o ritual litúrgico é celebrado de maneira tradicional e solene, nas festas religiosas, que geralmente acontecem em ruas e largos próximos às igrejas, a informalidade e a diversão contagiam devotos, curiosos e turistas.

Para as festas populares, sendo religiosas ou cívicas, o espaço público é re-configurado em um novo cenário. São confeccionados ornamentos – específicos de cada festejo –, tem-se a presença de barracas para o comércio de comida e bebida, a aparição de personagens variados da rua, a interferência da música e da dança que trazem um tom inusitado aos rituais.

Pode-se dizer que existe um ciclo de festa determinado ao período – e até à estação – do ano. As festas religiosas se iniciam em dezembro, mês de nascimento de Jesus, e vão até o carnaval, sendo esta a temporada do verão. A partir deste momento começa a Quaresma, em seguida os ritos da Semana Santa e mais alguns festejos e eventos.

É interessante notar que o período da Quaresma tanto vale para a religião católica como para o candomblé e que muitas das celebrações realizadas no Centro Histórico reúnem essas duas crenças e carregam na sua origem a devoção ao sagrado e a história de resistência do povo negro da Bahia. A identificação entre os orixás e os santos católicos, como é visto em diversas festas do Pelourinho, é resultado de antigas adaptações entre o candomblé e o catolicismo. Quando no período colonial a prática religiosa dos negros era reprimida e a dos brancos era a oficial, o sincretismo foi a forma encontrada pelos escravos de defesa e salvaguarda de sua identidade cultural.

Ritos Religiosos

1- Santa Bárbara

Comemorada no dia 04 de dezembro com uma festa, as homenagens à Santa Bárbara duram três dias. Começam com uma missa celebrada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Em seguida, a imagem da Santa, que durante todo o ano esteve guardada nesta Igreja, é carregada pelos fiéis em procissão, sendo também levadas as imagens de Nossa Senhora, São Lázaro e São Nicodemus. A procissão percorre as ruas do Centro Histórico passando por dois importantes pontos de culto e devoção da Santa que são o Mercado de Santa Bárbara e o Corpo de Bombeiro, localizados na Baixa dos Sapateiros. O terceiro dia é dedicado à festa, cujo local mais visitado é o Mercado.

Santa Bárbara é considerada a padroeira dos mercados e madrinha do Corpo de Bombeiros. A sua devoção está também ligada a *Iansã* no candomblé, orixá bastante cultuado pelo povo baiano. Segundo Ordep Serra “na Festa de Santa Bárbara, a maioria expressiva dos fiéis se constitui de pessoas ligada ao candomblé. A Santa é ovacionada na sua procissão aos gritos de – *Eparrei!* –, ou seja, com a saudação ritual de *Iansã...* e mesmo dentro da igreja, alguns entram em transe, possuídos pela deusa” (SERRA, 2000, p. 80).

Além da celebração religiosa também ocorre a distribuição do tradicional caruru, preparado por voluntários e servido gratuitamente, acompanhado de muita bebida e animação. Na festa comemorada no Mercado de Santa Bárbara o caruru é oferecido pelos barraqueiros aos participantes. A festa realizada neste local é uma iniciativa dos próprios comerciantes, que são também devotos da Santa, não havendo um vínculo com as comemorações da Igreja do Rosário dos Pretos. Apenas existe uma relação com a imagem, que é levada em procissão, que antigamente ficava instalada em uma capela que existia dentro do Mercado que pegou fogo.

2- Nossa Senhora da Conceição

Comemorada no dia 08 de dezembro. Nossa Senhora da Conceição é a padroeira do estado da Bahia, e a devoção à Santa coincide com a construção da cidade de Salvador. Na antiga capital do Brasil Colônia, por determinação do governador Tomé de Souza, é edificada em 1549 uma igreja em seu louvor, hoje conhecida como Basílica da Conceição da Praia. A partir de então a Santa passou a agregar adeptos na recém-descoberta terra das Américas.

A programação em homenagem a Nossa Senhora da Conceição duram dez dias, nos quais acontecem a novena, missa solene, procissão e a festa de largo. A missa é celebrada na Igreja Nossa Senhora do Boqueirão, localizada entre a Rua do Carmo e do Santo Antônio, já a procissão e a festa acontecem nas ruas da Cidade Baixa, próximo ao Comércio. O festejo conta com a presença das tradicionais “baianas” (que, no entanto, não lavam o adro da Basílica) e dos comerciantes locais, que inclusive contribuem financeiramente com esta celebração.

3- Santa Luzia

Comemorada no dia 13 de dezembro. Para a celebração em louvor à Santa Luzia, reconhecida como protetora da visão, acontecem tríduo, missa solene, procissão, queima de fogos e festa realizada na Igreja do Pilar. Uma das principais simbologias relacionada a esta comemoração é a visita à fonte milagrosa, localizada próxima a Igreja, na qual os fiéis

molham os olhos para proteger sua visão ou para curar seus males.

Antes da interdição do Plano Inclinado do Pilar (desativado na década de 1970) a movimentação na Festa de Santa Luzia era muito grande. Segundo Dimitri Ganzelevitch houve uma inversão da proporção da presença dos fiéis nos festejos de Santa Luzia e Santa Bárbara. Em suas palavras, “a festa de Santa Bárbara não tinha a importância que se tem hoje, foi uma festa que foi crescendo, mas em contrapartida, tinha muita gente que ia para Santa Luzia que praticamente desapareceu, muito por causa do Plano Inclinado que foi fechado”.¹¹ O Plano do Pilar foi re-inaugurado em março de 2006, porém, a Igreja continua em precário estado de conservação, sendo um outro fator que diminui a frequência na festa.

4- Santo Antônio de Categeró

Comemorado no segundo domingo de janeiro, momento em que também é celerado o batismo de Jesus. Para a comemoração é realizado um tríduo de preparação para conhecer e contar a história do Santo, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, entre a sexta-feira e o domingo. No domingo acontece a procissão que leva as imagens de Santo Antonio de Categeró, o Santo negro, às ruas do Centro Histórico até a Praça da Sé. Na terça-feira seguinte é oferecida uma feijoada na Igreja.

A coincidência da data de festejo de Santo Antonio de Categeró com o batismo de Jesus é explicada pelo Padre Joseval: “Como Santo Antonio foi mulçumano que se converteu ao cristianismo, ele foi muito radical, queria seguir Jesus na ‘radicalidade’, então ele pediu que fosse batizado no dia do batismo de Jesus, na mesma data”.¹²

A forte devoção ao Santo pelos negros da Bahia, desde o período de colonização, explica-se pelo fato de Santo Antonio de Categeró ter sido escravo na África.

Prece de Santo Antonio de Categeró:

Oh, milagroso Santo Antonio de Categeró, valei-me nesta hora de aflição, preciso da Vossa ajuda para vencer as lutas do dia a dia e as forças malignas que procuram tirar-me a paz. Libertai-me das doenças e de todas as bactérias infecciosas que querem contaminar o meu corpo colocando-me enfermidades.

Oh, Santo Antonio de Categeró, estendei as Vossas mãos agora mesmo sobre mim, livrando-me dos desastres, da inveja e todas as obras malignas.

Oh, Santo Antonio de Categeró, iluminai os meus passos, a fim de que, onde quer que eu vá, não encontre empecilhos, e guiado pela Vossa luz me desvie de todas as armadilhas preparadas pelos meus adversários.

Oh, Santo Antonio de Categeró, abençoei a minha família, o meu pão e a minha casa, cobrindo-nos com o véu da prosperidade, do amor, da saúde e da felicidade.

Por nosso Senhor Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo, Amém.

¹¹ Dimitri é morador, dono de uma galeria e diretor da ONG Associação Cultural Viva Salvador no Pelourinho. Entrevista concedida a Carlota Gottschal e Mariely Santana, dia 05 de agosto de 2005.

¹² Padre Joseval é o pároco responsável pela Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Em entrevista concedida dia 23 de maio de 2006.

5- Missa da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos

Toda terça-feira acontece na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos uma missa em homenagem a Santo Antônio de Categeró. A missa é promovida pela Irmandade dos Homens Pretos e é uma das mais freqüentadas, inclusive por baianos não devotos e turistas.

A Irmandade dos Homens Pretos, da qual surgiu a Igreja do Rosário dos Pretos, foi criada por negros escravos, durante o período colonial, quando os “homens de cor” eram proibidos ou coibidos de assistirem aos cultos nas igrejas dos brancos de origem portuguesa. Em 1685 os negros começaram a se reunir em uma Irmandade, com apoio de jesuítas, e em 1704 conseguiram a doação de um terreno, pelo rei de Portugal para que criassem um espaço de culto católico destinado aos negros. Quando finalmente foi construída a Igreja (feita completamente pelos escravos), a intenção era que o padroeiro fosse Santo Antonio de Categeró, mas na época o Santo ainda não havia sido canonizado, e então foi consagrada como patrona a Nossa Senhora do Rosário.

Tanto a Igreja como a Irmandade tornaram-se símbolos de resistência da cultura africana e de manutenção da identidade negra. Na missa realizada às terças pode ser vista a conjugação da liturgia com a tradição afro. O ritual católico adquire ritmo, jeito e forma diferentes. Instrumentos musicais de origem africana, tais como timbal, atabaque e agogô, são utilizados em conjunto com o coral da igreja. Os cânticos entoados passam também a falar sobre a situação do negro e a apropriar palavras de línguas africanas em suas letras.

Um clamor de justiça:

Estamos chegando ê, ê, ê. Chegando cantando ê, ê, a.
Sambamos revolta ê, ê, ê. Nós somos humanos ê, ê, a.
Um clamor de justiça está no ar.
Ouvir o clamor ê, ê, ê. Deste povo negro, ê, ê, a.
Que clama e que luta ê, ê, ê. Por direito e justiça ê, ê, a.
Cantamos rezando ê, ê, ê. Rezamos sambando ê, ê, a.
A fé e a esperança ê, ê, ê. Na libertação que vai chegar

Canto de gemido:

Senhor, venho ofertar:
Coisa de negro, coisa de negro, coisa de negro, afinal, coisa de negro.
O suor de cada dia, o peso de nosso trabalho, as mãos tomadas de calos. Coisa de negro.
O que faço não é certo. Meu grito nunca fez eco. Senhor, sou negro e não nego. Venho ofertar minha dor.
Senhor, meu canto gemido, dele nunca vou esquecer. Entre salmos e benditos, venho vos oferecer.
Neste pão que ofertamos, nesta mesa do teu altar, neste vinho que hoje trazemos, vem Senhor nos saciar.

Glória:

Glória, glória, glória a ti meu Deus, paz na terra, cantam os povos teus.
Violões, charangas, flautas sons do coração. Tambores atabaques te glorificarão.

Teu nome é tão Bonito, não existe outro igual. Glória ao que vence a morte e o ídolo do mal.

Américas, Ameríndia e África na dor. Latina convertida da glória ao Deus amor. Na fé e na resistência, no axé do nosso canto. No sangue da aliança glória, glória ao Senhor.

Memória dos vencidos na cruz seja bendita, no Cristo canta vida, brilhando infinita.

Bwaná:

Bwaná, Bwaná, Bwaná, utuhurumiê

Bwaná, bwaná, Bwaná utuhurumiê

Bwaná, Bwaná, utuhurumiê, utuhurumiê, utuhurumiê.

Kristu, Kristu, Kristu, utuhurumiê

Kristu, Kristu, Kristu, utuhurumiê

Kristu, Kristu, utuhurumiê, utuhurumiê, utuhurumiê.

Bwaná, Bwaná, Bwaná, utuhurumiê.

Bwaná, bwaná, Bwaná utuhurumiê.

Bwaná, Bwaná, utuhurumiê, utuhurumiê, utuhurumiê.

Perto do fim da missa entram devotos carregando cestas de pães (primeiro mulheres e depois homens), recebidas pelo padre e colocadas no altar para que os pães sejam bentos. Os pães são comprados pela Irmandade e também por alguns fiéis. Depois os pães são distribuídos entre os devotos. Neste mesmo momento também são passados o incenso, a bênção do padre com água benta e o dízimo. Como afirma o Padre Joseval:

Os pães têm uma ligação com o Santo Antonio, o mesmo Santo celebrado às terças na Igreja de São Francisco, também com o ritual de distribuição de pães. Santo Antonio era muito amigo e solidário com os pobres, então ele distribuía os pães, e tanto lá na Igreja de São Francisco, como na Rosário dos Pretos, a distribuição de pães é um símbolo para mostrar nosso desejo de viver em uma sociedade na qual todos tenham o pão, não só o pão material, mas o pão da cultura, da saúde, da educação, mas, sobretudo o pão do arroz, do feijão e do açúcar que é o básico para a sobrevivência humana.¹³

A iniciativa em celebrar um culto a Santo Antonio de Categeró toda terça-feira e utilizando os mesmos instrumentos que são tocados no candomblé foi do Padre Alfredo, que foi responsável pela Igreja do Rosário dos Pretos na década de 1980. Desde então a missa se tornou tradição, sobretudo para moradores do Centro Histórico e arredores, muitos devotos do Santo negro.

6- A Bênção

Comemorada toda terça-feira, em louvor a Santo Antonio. A Bênção é uma devoção franciscana que ocorre desde a implantação da Ordem, no século XVIII. Em Salvador o sacramental é realizado desde 1587, quando se fundou o Convento de São Francisco (o

¹³ Padre Joseval é o pároco responsável pela Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Em entrevista concedida dia 23 de maio de 2006.

segundo do Brasil).

A Bênção de Santo Antonio acontece em diversas igrejas de Salvador, sempre às terças-feiras, benzendo e oferecendo pães aos devotos. No entanto, a Bênção dada na Igreja de São Francisco, localizada no Terreiro de Jesus, se tornou tradição especial em Salvador. Nas escadarias da Igreja frades dão pães aos pobres, chegando a distribuir cerca de 15 mil pães nos dias 13 de junho – dia de Santo Antonio – e 04 de outubro – dia de São Francisco.

Na Bênção que acontece no Centro Histórico encontravam-se muitos devotos *Ogun* orixá guerreiro que no candomblé é identificado com o Santo Antônio, sobretudo entre os anos de 1930 e 1940, quando o culto afro ainda era marginalizado. Neste período, como indica Clarindo Silva, “enquanto os brancos vestiam suas melhores roupas para passear na Rua Chile, onde estavam localizadas as principais lojas e pontos de encontro da cidade, a comunidade negra vestia também sua melhor roupa para vir ao Centro Histórico, nas terças-feiras, receber a Bênção de Santo Antonio”.¹⁴ Com o crescimento ao longo dos anos deste encontro que se originou a Terça da Bênção, uma “festa popular” realizada semanalmente.

7- Procissão do Encontro

Comemorada no segundo domingo da Quaresma (iniciada após o carnaval), a Procissão do Encontro retrata a Via Sacra simbolizando o encontro de Jesus Cristo com Maria. O cortejo sai da Igreja da Ajuda em direção ao Terreiro de Jesus realizando algumas paradas, também chamadas de “estações”, nas quais fiéis encenam o sofrimento de Jesus rumo ao calvário. São sete os principais passos vividos por Jesus, da crucificação ao sepulcro.

A primeira parada acontece em frente à Catedral Basílica, onde é encenada a condenação. Na segunda estação acontece o encontro de Cristo, que vem da Igreja de São Pedro dos Clérigos, com Nossa Senhora das Dores, que sai da Igreja de São Domingos. A Procissão do Encontro passa ainda pelo Cruzeiro de São Francisco, pelas igrejas de São Francisco e da Misericórdia, finalizando os sete passos em frente à Câmara Municipal.

As imagens de Nossa Senhora das Dores e de Nosso Senhor dos Passos são conduzidas em um carro do Corpo de Bombeiros. Na caminhada encontram-se cerca de 300 devotos (BRITO, 2006).

8- Celebração da Semana Santa

A Semana Santa começa no domingo de Ramos, após a Quaresma, os 40 dias depois da quarta-feira de cinzas, último dia do carnaval, dedicados à reflexão e penitência. Na quinta são realizadas missas preparatórias, a sexta-feira é dedicada ao Senhor Morto, o sábado é de luto e Aleluia e finalmente no domingo comemora-se a ressurreição de Cristo e a Páscoa. Essa celebração teve início no século IV em Jerusalém quando cristãos passaram a vivenciar os últimos dias de Cristo na terra. Neste princípio, a semana santa durava somente três dias, momentos de realização do tríduo, com a introdução do Domingo de Ramos o

¹⁴ Clarindo Silva, dono do restaurante Cantina da Lua localizado no Terreiro de Jesus, em entrevista concedida dia 22 de abril de 2006.

ritual passou a durar uma semana, dedicada à consagração da paixão, morte e ressurreição de Cristo.

Domingo de Ramos

Procissão de Ramos.

Iniciando os rituais da Semana Santa, uma caminhada sai do bairro do Campo Grande em direção à Praça Municipal, no Centro Histórico, onde o cardeal arcebispo de Salvador preside uma missa.

A Procissão de Ramos encerra a Quaresma. Durante a quarentena instrumentos não podem ser tocados nas missas e os padres trazem em suas vestimentas a cor roxa. Esses hábitos são quebrados no dia de Ramos, vestindo os padres um manto vermelho, que simboliza o martírio de Jesus, e a procissão seguindo em festa, com músicas e cantos entoados.

O Domingo de Ramos celebra a entrada de Jesus em Jerusalém tal qual os Reis entravam nesta cidade, em um jumento e sendo aclamado pela população. É característica desta festa a alegria de seus participantes que levam Ramos, abençoados no início da procissão, para saudar Jesus Cristo. Esta é uma das celebrações mais populares da Igreja Católica. Até os ramos empunhados em procissão carregam crendices, sendo guardados pelos fiéis.

Quinta-feira

Missa dos Santos Óleos e Missa do Lava Pés

Na missa dos Santos Óleos são abençoados os óleos que a serem utilizados nos batismos, crismas e unção dos enfermos, ao longo do ano nas diversas igrejas de Salvador. É uma missa destinada à diocese, celebrada na Catedral Basílica, Terreiro de Jesus, durante o dia.

À noite, na mesma Catedral, acontece a Missa do Lava Pés, aberta a toda população. Nesta cerimônia é encenado o gesto de Jesus quando ele lavou os pés de seus discípulos como uma forma de ensiná-los a doutrina da Eucaristia.

Sexta-feira

Procissão do Senhor Morto (Igreja da Ordem Terceira do Carmo)

Na sexta-feira não acontecem missas, apenas ocorre a Adoração da Cruz, colocada no altar da Catedral Basílica e a distribuição da Eucaristia, consagrada na quinta-feira. Este dia é dedicado à Procissão do Senhor Morto que sai da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, organizada pela Irmandade dos Carmelitas Consagrados há mais de cem anos. O trajeto compreende a Catedral Basílica, Terreiro de Jesus, Praça Municipal, Rua Chile e Rua D'Ajuda, tendo cerca de três horas de duração.

A Procissão simboliza a Paixão de Cristo, ou seja, sua morte e ressurreição. Para esta caminhada alguns fiéis vestem figurinos como referência aos personagens bíblicos Nossa

Senhora das Dores, Madalena, São Sebastião Batista, entre outros. A procissão pára em alguns momentos para o Canto de Verônica – personagem bíblica que chora com a morte de Cristo. O símbolo desta celebração é a imagem do Senhor Morto que carrega, na Bahia, uma história singular.

Guardada pela Ordem Terceira do Carmo, sendo visitada por turistas, a imagem do Senhor Morto é datada do século XVIII, ano 1730. Tendo proporções de um homem vivo, com 1,78 de altura e 76kg, a obra foi esculpida pelo escravo Francisco Xavier das Chagas, também conhecido como Cabra. A imagem possui ainda duas mil pedras de rubis, que foram dadas pela Igreja ao escravo em pagamento ao serviço prestado, mas que Cabra preferiu colocar no Senhor Morto, dando a impressão de sangue coagulado que escorria de sua face.

Ao negro, na época da escravidão, não era permitido trabalhar com arte sacra. Nem sequer freqüentar igrejas era de bom grado aos escravos (como pode ser visto na origem da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos). Mas Cabra, que trabalhava para a província de Santo Elias, de posse dos Carmelitas, pôde conviver e se tornar um autodidata na feitura de santos sagrados. Segundo Wilson Eduardo Alves de Freitas, “o escravo, ao receber a encomenda, foi informado que seria liberto, por isso a imagem tem um rosto de paz, que reflete o sentimento de Cabra”.¹⁵

De 1730 a 1964 a imagem era colocada na cruz na quinta-feira santa. Na sexta seguia o ritual da descida da cruz, para colocar no andor e ser levada para a procissão. Os carmelitas faziam esse ritual. No entanto, pararam de realizá-lo por causa do ombro da imagem, feito de couro, que foi estragando, arriscando da obra cair da cruz.

Sábado de Aleluia

Vigília Pascal e Bênção do Fogo

No sábado de aleluia as igrejas ficam fechadas durante o dia sendo reabertas apenas à noite para a missa da vigília. A vigília, ou a vela, faz referência expectativa e momento de permanência de Jesus no sepulcro. Durante a missa, uma das mais longas da liturgia católica, acontece também a Bênção do Fogo. Ritual feito no pátio da igreja, que nesta ocasião está tomado pela escuridão traz como elementos simbólicos o fogo bento, indicando Jesus como Luz do mundo.

Domingo de Páscoa

Missa de Páscoa

Finalmente no domingo é celebrada a Missa de Páscoa, na Catedral Basílica, comemorando a ressurreição de Jesus.

¹⁵ Wilson Eduardo Alves de Freitas é conselheiro da Irmandade da Igreja da Ordem Terceira do Carmo e trabalha como segundo conselheiro e mordomo de culto na Igreja da Ordem Terceira do Carmo, em entrevista concedida no dia 27 de março de 2006.

9- São Benedito

A festa acontece no dia 30 de abril. Anteriormente acontece uma preparação de três dias, depois a procissão com a presença dos devotos. Segundo Padre Joseval, “São Benedito era filho de africano que morava na Itália. Quando seus pais se casaram eles eram escravos, o dono da fazenda prometeu que o primeiro filho daquele casal que nascesse seria livre, a mãe dele imediatamente gritou ‘Benedito’, que quer dizer bendito. Daí tem toda uma história de fé, de milagres que ele fez, de uma vida coerente cristã”.¹⁶

Oração a São Benedito:

São Benedito, filho de escravos, que encontrastes a verdadeira liberdade servindo a Deus e aos irmãos, independente de raça e de cor, livrai-me de toda a escravidão, venha ela dos homens ou dos vícios, e ajudai-me a desalojar de meu coração toda a segregação e a reconhecer todos os homens por meus irmãos. São Benedito, amigo de Deus e dos homens, concedei-me a graça que vos peço do coração. Por Jesus Cristo Nosso Senhor. Amém.

10- São Francisco Xavier

Comemorado no dia 10 de maio, o padroeiro de Salvador, São Francisco Xavier, recebe em seu louvor missa festiva, na Catedral Basílica, seguida de procissão pelo Centro Histórico.

A devoção a São Francisco Xavier começou em 1686, ano em que ocorreu uma epidemia de febre amarela em Salvador e que a população recorreu ao Santo por proteção. Quando a doença foi controlada São Francisco tornou-se padroeiro de Salvador.

No século XIX, houve uma tentativa de referendar o Senhor do Bonfim como padroeiro da cidade. No entanto, uma nova epidemia acontece e mais uma vez, agora com respaldo institucional da Câmara dos Vereadores, a devoção a São Francisco Xavier fez com que continuasse a ser considerado patrono de Salvador. Desde o século XVIII e até os dias de hoje a celebração ao Santo é promovida pela Câmara Municipal, uma relação entre poder civil e festa religiosa pouco comum de se encontrar.

11- Santo Antonio Além do Carmo

Dia 13 de junho são realizadas comemorações especiais para esta data que é da morte do Santo. Na Igreja de São Francisco é celebrada uma missa, com a tradicional distribuição de pães. Em outro espaço, no Largo do Santo Antonio Além do Carmo junto com a Igreja do Santo Antonio Além do Carmo, é realizada festa, na qual participam toda a comunidade do entorno.

Conhecido como Santo casamenteiro, como padroeiro dos pobres e invocado também para achar objetos perdidos. Em louvor ao Santo Antonio são realizadas trezenas nas igrejas e

¹⁶ Padre Joseval é o pároco responsável pela Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Em entrevista concedida dia 23 de maio de 2006.

nas casas do Centro Histórico. No período da trezena, pode-se ouvir pelas ruas a entoação de cantos e rezas. Para cada dia existe uma prece. Pães são distribuídos junto com os santinhos.

Nos anos mais recentes, o Santo Antonio passou a ser comemorado no Centro Histórico também com um festejo organizado na Praça da Sé, organizado por órgãos governamentais. Durante os festejos são servidos licores, canjica, milho assado e cozido, além de outras iguarias. Santo Antônio é festejado ainda nas fogueiras das festas juninas. Nessa celebração juntam-se danças, cantos, tambores de origem africana a elementos religiosos da tradição oral portuguesa.

12- Nossa Senhora do Carmo

A comemoração acontece no dia 16 de julho. É feita uma explanação da vida de Maria em missa solene, feita no convento do Carmo. Geralmente os carmelitas também fazem novena ou um tríduo em louvação à Santa. No domingo posterior ao 16 de julho uma procissão, que segundo Wilson Eduardo Alves de Freitas¹⁷ datada do século XVII, toma ruas do Centro Histórico.

Esta santa está entre as mais veneradas no estado da Bahia. Somente em Salvador, Nossa Senhora do Carmo possui a Ordem Terceira, o Convento, o Museu de Artes Sacras e a Igreja do Carmo. A Santa ainda é nome do Largo do Carmo, no Pelourinho, local onde os fiéis celebram sua festa e prestam homenagens à Santa.

Prece a Nossa Senhora do Carmo:

Tu és o Médico divino. Tu dás a Vida e a Vida em plenitude àqueles que Te buscam. Por isso, hoje, Senhor, de um modo especial, quero pedir a cura de todo tipo de doença, principalmente daquela que me aflige neste momento.

Eu sei que não queres o mal, não queres a doença que é a ausência da saúde, porque és o Sumo Bem. Opera, em mim, uma profunda cura espiritual e, se for da Tua Vontade, também uma cura física. Que seja operada diretamente pela ação poderosa de Teu Espírito Santo ou através do médico e dos remédios! Aumenta a minha fé no Teu Poder, Senhor, e no infinito Amor que tens por mim. Aumenta minha fé, Senhor, que às vezes se encontra tão enfraquecida. Eu acredito no Teu poder curador, meu Deus, e já agradeço humildemente por toda obra que estás realizando em meu coração e em meu corpo, neste momento.

Além de mim, Senhor, quero também apresentar, todos os doentes que me pediram orações. Tu conheces a cada um deles, sabes as provações pelas quais estão passando! Tem misericórdia, Senhor, vem em socorro também destas pessoas que padecem enfermidades. Senhor, eu Te bendigo, porque clamei a Ti e Tu me ouviste. Minha alma, por Tuas mãos benditas, foi tirada da escuridão. Ó fiéis do Senhor, cantai a sua glória, dai graças ao seu Santo Nome, porque só Ele

¹⁷ Wilson Eduardo Alves de Freitas é conselheiro da Irmandade da Igreja da Ordem Terceira do Carmo e trabalha como segundo conselheiro e mordomo de culto na Igreja da Ordem Terceira do Carmo, em entrevista concedida no dia 27 de março de 2006.

é poderoso e digno de eterno louvor.

13- Divino Espírito Santo – Pentecostes

A palavra Pentecostes significa "cinquenta dias" e tem origem no idioma grego. Essa data é celebrada 50 dias após o domingo de Páscoa, pois Jesus, depois de ressuscitar ficou na Terra por 50 dias com os seus discípulos. Pentecostes simboliza no catolicismo descida do Espírito Santo, sendo uma festa, portanto, da prosperidade. Na festa acontece a encenação da que coroação do imperador, personalizado em uma criança, um representante temporário do Espírito Santo sobre os apóstolos.

Em Salvador, a Festa do Divino Espírito Santo, também chamada de Folias do Divino, é realizada na paróquia do Largo de Santo Antônio Além do Carmo, com procissão pelo Centro Histórico. Manifestação religiosa realizada desde a fundação da cidade, é a mais antiga procissão de Salvador. Após a encenação da libertação de um preso pelo Imperador (um garoto), são servidas comida e bebida.

14- Corpus Christi

A festa de Corpus Christi é celebrada na quinta-feira seguinte à Festa da Santíssima Trindade, que ocorre no domingo posterior ao Pentecostes. Nesta ocasião comemora-se o Corpus Christi (Corpo de Cristo), ou seja, a presença de Jesus Cristo na Eucaristia. Acredita-se que o pão e o vinho representam o corpo e o sangue de Cristo. São realizadas missa solene e procissão.

A festa de Corpus Christi foi a primeira festa religiosa celebrada em Salvador, no ano de 1549. Até os dias atuais a festa é promovida pela Arquidiocese.

Festas Populares

1- CARNAVAL

O lado festivo do Centro Histórico, ou melhor, da cidade colonial, tem como influência as festas religiosas e os jogos do Entrudo. O Entrudo foi trazido pelos portugueses e é datado do século XVII, acontecia nos quatros dias que antecediam a quarta-feira de cinzas, ou seja, o período do carnaval. “Jogos”, “guerra” ou “brincadeira” são termos usados na descrição desse festejo que tinha um caráter bastante perturbador. A diversão consistia em jogar pelas janelas, nas ruas, ou dentro das casas, água suja, farinha, limão, etc nas pessoas. Os espaços onde havia o Entrudo se diferenciavam quanto uma hierarquia social. Nas ruas brincavam, prioritariamente, negros escravos, ficando os brancos dentro das casas.

Os jogos não agradavam as autoridades sendo proibido em meados do século XIX. Com a proibição, começaram a surgir bailes e salões organizados ao modo europeu. Esses salões tornam-se espaços de convivência social e cultural para aristocracia da província da Bahia. Forma-se um público e conseqüentemente uma concorrência entre os bailes, como dos Fantoques, Cruz Vermelha e Inocentes em Progresso. A divisão sócio-racial que já existia

na época do Entrudo continua. Nas ruas do Centro Histórico os negros organizavam festejos carnavalescos que tinham influência de cultos africanos na indumentária, música e dança. Chamados de afoxés, essas manifestações do negro foram proibidas de 1905 a 1914.

Os clubes de carnaval ficavam localizados na Rua Chile e a Avenida Sete consideradas principais centros econômico, comercial e cultural de Salvador. Entre os anos 1920 e 1950 uma nova configuração da festa se realiza tendo como território ainda esses espaços. As classes ricas da cidade passam a desfilar em pranchas e corsos, de carros com capotas abertas onde moças fantasiadas jogavam confetes e serpentinas. As famílias colocavam cadeiras ao longo das ruas e avenidas para assistir o festejo, e o lance-perfume era utilizado para conseguir um namoro de carnaval. Histórias e depoimentos dessa época do carnaval se pode encontrar no vídeo *Pelô 450*, do diretor Sérgio Resende.

Nas áreas mais populares do Centro, como o Terreiro de Jesus e a Baixa dos Sapateiros, a festa era dos negros e mestiços que organizavam orquestras de atabaques, tambores, agogôs, cuícas e reco-recos. Alguns blocos de índio e afoxés que fazem parte da história do carnaval da Bahia começam a surgir neste período como Filhos do Morro, Filhos de Obá, Filhos de Gandhi, Zero Hora, Apaches do Tororó e Mercadores de Bagdá como associações participativas. Nos anos 1950 surge o trio elétrico dando um outro impulso ao carnaval.

Já no início dos anos 60, muito em função da presença do trio elétrico, pessoas de classe média e também das elites locais aderem ao carnaval de rua. Organizam blocos, adotando, assim, a forma tradicional das camadas populares participarem dos festejos. Surgem então o Internacionais e o Corujas, com um perfil nitidamente de classe média. E são justamente esses segmentos de classe média-alta, recém-incorporados à paisagem do carnaval de rua, que vão efetuar os primeiros movimentos de privatização do espaço do trio elétrico (MIGUEZ, 1996, p. 75).

A partir do carnaval de 1975, ano do primeiro desfile do Ilê Ayê, até 1980, o Centro Histórico era o local onde se reuniam ou por onde passavam os blocos-afros, de afirmação étnica e de conscientização do movimento negro, e também os blocos de trio como o Corujas e o Internacionais. As primeiras barracas do Carnaval começavam no Terreiro de Jesus e o centro da folia era a Praça Castro Alves, onde ocorria o famoso encontro de trios elétricos na madrugada da quarta-feira de cinzas. O Grupo Olodum teve papel fundamental na divulgação desse carnaval e do Pelourinho.¹⁸

Com a explosão do samba-reggae e do axé *music* na mídia, tanto os blocos de trio como os afros passam a estabelecer finalidade comercial e lucrativa à festa. A profissionalização do carnaval se inicia. Com isso, o carnaval de rua começa a atrair o turismo e a indústria fonográfica nacional e internacional. “Os blocos vão impulsionar um mercado altamente rentável, envolvendo, principalmente, a venda de abadas e a captação de patrocínios para o desfile e outros eventos” (MIGUEZ, 1996, p. 77).

Novos circuitos foram organizados, fazendo com que o carnaval do Centro Histórico, agora denominado “Circuito Batatinha”, tenha uma distinta organização. Shows com a intenção

¹⁸ Mais sobre o Olodum, o samba-reggae e o carnaval pode ser visto em GUERREIRO (1997).

de fazer referência aos antigos carnavais de mascarados e orquestras de percussão que circulam em blocos de rua durante o dia são destinados, sobretudo ao público infantil, ou familiar, e ao turista. À noite, o Pelourinho torna-se cenário de um carnaval de fantasias de gays, travestis e prostitutas.¹⁹ Espaço, público e festa marginalizados.

2- Dois de Julho

O Dois de Julho, comemora a luta pela Independência da Bahia em 1823, um ano depois do sete de setembro, quando definitivamente se interrompe com o processo de colonização de Portugal no Brasil. O festejo do Dois de Julho relembra, sobretudo, a presença do povo baiano nessa luta – nas figuras do caboclo e da cabocla que significam homem e mulher da terra. As imagens datam de 1845 (caboclo) e 1826 (cabocla) e, na Bahia, adquirem uma dimensão simbólica chegando a serem cultuados pela população.

A festa do Dois de Julho é uma manifestação caracterizada tanto como cívica, quanto como popular. Envolve a participação de diversas entidades, grupamentos militares, políticos e folclóricos, além da presença de bandas, fanfarras, e de carros alegóricos dos dois caboclos. As comemorações se iniciam no dia 25 de junho, com o encontro, na cidade de Cachoeira, entre o caboclo e a cabocla (que vem de São Félix). É desta mesma cidade que parte o Fogo Simbólico, conduzido por vários atletas, passando por outros municípios do estado, como Santo Amaro da Purificação, São Francisco do Conde, Candeias e Simões Filho, até chegar em Salvador, no bairro de Pirajá.

Na capital, o desfile passa pelos bairros de Pirajá, Lapinha, Centro Histórico e Campo Grande. No território do Centro Histórico o cortejo passa pelo Santo Antonio, Carmo, Boqueirão, Soledade e Terreiro de Jesus. É ainda celebrado um “*te deum*” na Catedral Basílica. Até o dia 05 de julho o caboclo e a cabocla ficam na Praça Dois de Julho, no Campo Grande, quando, à noite, é realizada a volta dos caboclos para o “Panteon da Liberdade”, localizado no Largo da Lapinha, onde os carros ficam guardados ao longo do ano. Os carros são levados, correndo, e em festa, por diversas pessoas até o Panteon.

No retorno à Lapinha, as imagens voltam carregadas de pedidos, orações, oferendas, flores e presentes. O caboclo e a cabocla provocam curiosidade, veneração e até superstição nos baianos que cantam, festejam e fazem pedidos durante o cortejo. Conta a tradição que se o andor que conduz os dois caboclos for tocado com fé e o fiel levar a mão à testa, o pedido se concretiza. Este é o motivo de tantas lembranças nas carroças (DIBAI, 2006).

A festa reúne cerca de 300 mil moradores e visitantes da cidade, anualmente. É organizada pela Prefeitura através da Fundação Gregório de Mattos (órgão municipal responsável pela política cultural). No entanto, a população se apropria da festa, rompe com a organização e se integra ao desfile. As fachadas das casas localizadas no trajeto do cortejo são decoradas nas cores verde e amarela, diversos índios aparecem ao longo do percurso sejam crianças, adultos e travestis, fazendo com que a participação popular seja atração à parte do festejo. No dia 26 de junho de 2006 a festa do Dois de Julho é registrada no Conselho Estadual de

¹⁹ O vídeo *O Erotismo*, do diretor Marcondes Dourado, é uma referência.

Cultura como Patrimônio Imaterial da Bahia por representar a identidade cultural do estado.

Hino:

Nasce o sol a Dois de Julho
Brilha mais que o primeiro
É sinal que neste dia
Até o Sol é brasileiro

Nunca mais o despotismo
Regerá nossas ações
Com tiranos não combinam
Brasileiros corações

Cresce, Oh! Filho de minh'alma
Para a Pátria defender
O Brasil já tem jurado
Independência ou morrer

Salve, Oh! Rei das Campinas
De Cabrito a Pirajá
Nossa Pátria, hoje livre,
Dos tiranos não será!

3- TERÇA DA BÊNÇÃO

A terça da Bênção é um marco na história recente do Pelourinho. Surge espontaneamente, transitando por diversas origens e movimentos, tornando-se uma festa popular semanal. Começa com os encontros de negros no dia da Bênção da Igreja de São Francisco, ou seja, na terça-feira. Nestas reuniões se encontravam devotos do candomblé, da Igreja Católica, além de profissionais liberais, vagabundos, etc, que após a missa e entrega dos pães criaram o hábito de “tomar uma cerveja” (FÉLIX, 1995).

Nas décadas de 1950 e 1960 alguns lugares se tornaram ícones da histórica Bênção, como a Cantina Ipiranga (fundada em 1937) e a placa “Manuel da Nóbrega”, localizada em uma zona de meretrício, da qual só restava as letras “Brega”, que passou a ter significado semântico de local de prostíbulo.

Porém, é entre 1970 e 1990 que a Terça da Bênção se transfigura como um grande evento realizado nas ruas do Centro Histórico. A boemia era proporcionada, nesta ocasião pelo movimento negro da Bahia (impulsionado na década de 1970 pelo movimento black-power, internacional). Começam a surgir as primeiras barracas – cujo comércio era, sobretudo, feito por moradores do local – e os bares de reggae. Com a visibilidade recém-adquirida dos blocos afros, principalmente do Ilê Ayê, o Centro Histórico passa também a atrair a população de Salvador como um todo.

A movimentação tinha cunho cultural, com ensaios, serestas, festas, sambas, mas também se configurava uma resistência, de teor político e social, para a preservação da área. Entre

1980 e 1990, as Festas da Bênção lotavam o Pelourinho, como indicam Clarindo Silva e Gerônimo em entrevista.²⁰

No Terreiro de Jesus foram organizados shows de música popular, como os artistas Batatinha, Ederaldo Gentil, Edil Pacheco, Valdir Lins, Claudete Macedo, Miriam Tereza, Riachão, Nelson Rufino, Tião Motorista, Chocolate da Bahia, entre outros, organizados pelo Projeto Cultural da Cantina da Lua, com parceria da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho e da Sociedade Protetora dos Desvalidos. Iniciava-se um apelo midiático para os dias de festa no Pelourinho, no caso, terças e sextas. A Terça da Bênção caracteriza-se por acontecer diversos eventos ao mesmo tempo e em diferentes lugares. Blocos afros e afoxés ensaiavam nesta ocasião, como o Comanches do Pelô, os Filhos de Gandhi e o Olodum. A infusão Cravinho era a grande pedida.

Com a explosão do Olodum, principalmente no ano de 1987, o Pelourinho e a Festa Terça da Bênção passam a ser identificados como território e festa do Grupo Cultural Olodum. Espaço e evento transformaram-se em *point* freqüentado pela classe média soteropolitana, que depois saiu de moda.

Hoje a Terça da Bênção continua promovendo uma agitação cultural e econômica no Centro Histórico. Com a reforma iniciada em 1991, e a gestão cultural que se determinou para este local da cidade, os eventos atrelados à Bênção passaram a serem organizados pelo projeto governamental Pelourinho Dia & Noite. Acontecem ainda iniciativas desvinculadas a este projeto, como shows em restaurantes, os ensaios de blocos e escolas de percussão espalhados em várias ruas, no entanto, “há pouca diversificação da programação artística”, segundo conclui o músico Gerônimo.

Eventos Institucionais

1- Pelourinho Dia & Noite

Criado em 1995, sob responsabilidade do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - IPAC e atrelado à Diretoria Adjunta, o Projeto Pelourinho Dia & Noite tem a finalidade de criar uma agenda cultural e turística para a área do Centro Histórico. Atualmente gerenciado pela Fundação Cultural do Estado da Bahia - FUNCEB, o projeto organiza eventos semanais que têm como principais espaços a Praça Tereza Batista, o Largo Pedro Archanjo, o Largo do Artesanato e o Largo Quincas Berro D'água. Em sua maioria a programação é de música, mas também são realizadas apresentações de dança e teatro além de recreação infantil.

Segundo Tânia Simões, coordenadora do projeto, “o objetivo principal do Pelourinho Dia

²⁰ Clarindo Silva, dono do restaurante Cantina da Lua localizado no Terreiro de Jesus, em entrevista concedida dia 22 de abril de 2006.

Gerônimo, músico, realizador do Show o Pagador de Promessas e proprietário do espaço Casa de Gerônimo no Pelourinho, em entrevista no dia 23 de maio de 2006.

& Noite é mostrar aos baianos e turistas as nossas raízes culturais e os nossos bens patrimoniais, ao tempo em que se forma platéia e se abrem oportunidades no mercado de trabalho para artistas e músicos emergentes”.²¹ Entretanto, indica Dimitri, morador do Centro História há 30 anos, que:

Investe-se muito no projeto Pelourinho Dia & Noite e se tem total descaracterização do patrimônio, negando inclusive a cultura local. Ocorre uma manipulação da cultura que termina por prejudicar o patrimônio material e imaterial. Na Semana Santa inventaram uma procissão de penitentes tipo Sevilha e foi uma coisa constrangedora com penitentes pagos pelo erário público vestidos de uma forma grotesca que nem tem o cuidado de uma percepção do que é uma tradição religiosa.²²

O Pelourinho Dia & Noite organiza ainda festas do calendário oficial, como Natal, Páscoa, Santo Antonio, São João, Dia da Baiana, Dia do Samba, entre outros, com parceria da Bahiatursa - Empresa de Turismo do Estado da Bahia. A caracterização deste ciclo de festas, ornamentado pelo governo do estado, que monta os palcos e leva atrações, não possui uma tradição de participação dos residentes e passantes do Centro Histórico. Como pode ser visto na descrição do *Natal do Pelô*, no *site* da Secretaria de Cultura e Turismo da Bahia, o interesse é de atrair turistas para estes eventos: “temos feito uma grande programação para o Natal, procurando transformar a data em um marco do calendário turístico da cidade”.²³

²¹ Disponível em www.agecom.ba.gov.br/exibe_noticia.asp?cod_noticia=17318

²² Dimitri é morador, dono de uma galeria e diretor da ONG Associação Cultural Viva Salvador no Pelourinho. Entrevista concedida a Carlota Gottschal e Mariely Santana, dia 05 de agosto de 2005.

²³ Disponível em www.sct.ba.gov.br

II – Saberes e Fazeres

Atividades desenvolvidas por atores sociais (especialistas) reconhecidos como conhecedores de técnicas e de matérias-primas que identifiquem um grupo social ou uma localidade. Este item refere-se à produção de objetos e à prestação de serviços que tenham sentidos práticos ou rituais, indistintamente (INSTITUTO, 2000, p. 11).

Os “Tesouros Humanos Vivos”, segundo descrição da UNESCO, são pessoas que encarnam no mais alto grau as competências necessárias ao andamento da vida cultural de um povo, enriquecendo o futuro da humanidade (ABREU, 2004, p. 62).

A História do Pelourinho cede lugar a uma história mais ampla e espalhada pela vida e obra de sujeitos que atuaram ou simplesmente passaram por ali. Com esses Saberes vão sendo revelados personagens e personalidades que influenciaram a cultura local e nos permitem reconhecer uma diversidade criadora do Centro Histórico.

Os fazeres são conseqüências dos saberes, é a realização efetiva da tradição, é quando pegamos o passado e trazemos para o presente, e unimos origem e criação. Este item foi subdividido em ofícios e em mestres populares. Ofícios como modos de fazer que surgiram no espaço do Pelourinho, assim como poderiam ter surgido também em outros lugares, mas que no Centro Histórico são tidos como referências de criação local. Mestres populares que carregam experiências, mistérios e artes de diversas manifestações culturais, reconhecidos como principais transmissores desses conhecimentos.

Os ofícios populares geralmente seguem uma tradição familiar, são passados de pai para filho. Nos relatos dos mestres populares ouvimos que o aprendizado acontecia de um modo conjunto com a educação e a sociabilidade – as crianças conviviam, no dia-a-dia, com os adultos, atentos aos ofícios por eles desempenhados, e assim se iniciava a formação desses aprendizes.

Hoje a denominação “mestre” ainda é bastante utilizada no Centro Histórico, o que indica uma relação de respeito com esses artesões da cultura popular. No entanto, o modo de fazer é transmitido em um formato mais regular de ensino. Muitos ofícios são aprendidos em Organizações Não-Governamentais. Escolas foram também criadas pelos mestres do Pelourinho, sustentadas a partir de diferentes gestões, mas agregando, em sua maioria, crianças moradoras da área, de bairros vizinhos ou periféricos, não cobrando um valor pelas aulas. Uma outra característica comum e contemporânea destas escolas é a confluência de estrangeiros que vêm até elas para aprender sua arte – e, para esses sim são cobradas taxas.

Quando se torna possível observar a continuidade dos modos de saber e de fazer percebe-se que a identidade local está sendo promovida pela comunidade residente do Pelourinho e também proliferada pelas instituições culturais da área.

Personagens

1- Eliza (do carneiro)

Na década de 1970 um carneiro era presença contínua numa das principais ruas do Pelourinho, a João de Deus, próxima ao bairro do Maciel de Baixo. Ele ficava na porta da casa de número 19 (onde hoje está localizada a Escola Didá), na qual morava Eliza, no térreo. Eliza era vigiada e perseguida pela Delegacia de Jogos e Costumes por venda de maconha, mas conseguiu durante algum tempo despistar a polícia usando a seguinte estratégia: quando havia maconha, o carneiro era preso à porta da casa, e os clientes então apareciam.

A maconha ficava escondida entre as pedras e buracos do calçamento do Centro Histórico. Segundo a moradora Dona Penha, “o carneiro já conhecia os compradores, pois depois que eles pagavam à senhora Eliza, o animal imediatamente cheirava o local onde estava a droga, fuçando entre as pedras, momento este que os clientes pegavam a ‘encomenda’”.²⁴

O truque deu resultado durante muito tempo até que a informação vazou para os policiais, sendo presa Eliza e o carneiro. Nos anos 1990, Eliza passou a vender bebida na Terça da Bênção. Do carneiro, não se teve mais notícia (FÉLIX, 1995).

2- A mulher de roxo

Uma mulher, vestida de roxo, com roupas longas, mantas compridas, um grande crucifixo e uma Bíblia na mão tornou-se um mito popular do Centro Histórico também nos anos 1970. Sua vestimenta, seus acessórios e o modo como ficava nas ruas – sentada, sem conversar ou pedir esmola – suscitava na imaginação dos que a viam o ar de uma mendiga, de uma santa ou de uma louca. A mulher de roxo ficava próximo à loja Slopper, na Rua Chile, local onde as damas da sociedade baiana se reuniam para comprar roupas.

Alguns afirmam que ela se chamava Doralice, outros Florinda. Alguns afirmavam que ela ganhava as roupas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, outros que ela mesma costurava retalhos roxos e transformava-os em vestidos. Estórias sobre a vida e o por que daquela mulher está nas ruas está presente em livros, contos publicados em jornais e até em vídeo.

Segundo Anísio Félix, a Mulher de Roxo “apareceu nos anos 1960 na zona do Pelourinho, exatamente na casa de número 6 da Rua Gregório de Mattos, em um bordel conhecido como Buraco Doce. Ela era uma mulher muito bonita, cabelos negros longos, vestidos caros e jóias” (FÉLIX, 1995, p. 101). Depois passou a morar nas ruas.

Em alguns momentos a Mulher de Roxo perambulava pelo Centro Histórico vestida de noiva, com buquê, véu e grinalda. Com isso surgiu a lenda de que havia sido abandonada

²⁴ Dona Penha é moradora da Rua Frei Vicente (antiga Maciel de Baixo) e trabalha no Centro Histórico no IPAC, durante o dia, e vendendo acarajé à noite no Terreiro de Jesus, em entrevista concedida no dia 20 de maio de 2006.

no altar, ou que era uma ex-freira expulsa por causa de um namorado, ou que tinha um filho que a rejeitava, que já havia sido muito rica, que era professora, e por tudo ou nada disso, tinha enlouquecido. Nada se sabe. O que se tem certeza é que em 1993 e por alguns anos a Mulher de Roxo esteve internada no Hospital Santo Antonio, organização das Obras Sociais de Irmã Dulce.

3- Guarda Sergipe

José Pereira dos Santos é conhecido hoje em dia por auxiliar o trânsito da Rua Chile. Ninguém paga, porém, o serviço do guarda que vive no Centro Histórico desde 1942, vindo aos 19 anos do município de Tucano, e hoje, com 81, morando na rua Barbosa, edifício Monte Carlo.

Vestido com um terno, já bastante gasto, e sempre de quepe e apito, o Guarda Sergipe não gosta de conversar com estranhos, mas é muito querido pelos ambulantes que trabalham na Rua Chile. Afirmou apenas, em “entrevista” no dia 29 de março de 2006, que gostava do movimento da cidade e por isso estava ali. Disse também que poderia emprestar um filme que fizeram sobre ele e que tinha em casa, o qual se chama *A Porta da Rua*, dirigido por Danilo Scaldaferrri e Cynthia Nogueira.

Personalidades

▪ Música

1- Batatinha

Oscar da Penha, mais conhecido como Batatinha, nascido em 1924, foi criado no Centro Histórico, sendo este local referência também de diversos sambas que compôs.

A particularidade da obra deste sambista está em introduzir elementos da cultura local, ou seja, da cultura vivenciada por ele no Pelourinho, em suas canções. Elementos da capoeira, da culinária tornaram-se propostas estéticas, misturando melodias, danças e receitas da cultura afro. Canções como *Olha aí*, *O Vatapá*, *Samba e Capoeira*, *O que é que há*, *Iaiá no Samba*, *Receita de Feijoada* e *Doutor Cobrador*, são algumas.

Batatinha, durante os anos 1950, participou de concursos de composição para o carnaval de Salvador, promovidos pela Rádio Sociedade. Nunca ganhou em tais concursos, mas seus sambas faziam sucesso no carnaval.

Em 1960, ele perdeu mais um desses concursos com a composição *Diplomacia* cantada por Humberto Reis. O samba, entretanto, entrou na trilha sonora do primeiro filme de Glauber Rocha, “Barravento”. Nesse mesmo ano, Batatinha começa a ser reconhecido pela crítica especializada depois que o sambista carioca Jamelão gravou *Jajá da Gamboa*.

Esse fato chama a atenção dos intérpretes para o talentoso compositor negro baiano. Maria Bethânia seria o primeiro grande nome da MPB a lhe dar vez,

gravando, em 1964, os sambas *Diplomacia*, *Toada da Saudade*, *Imitação* e a *Hora da Razão* nos shows do Teatro Opinião e no show do álbum "Rosa dos Ventos". Depois, ela gravaria ainda a marcha *A História do Circo*. Em 1966, o sambista baiano Ederaldo Gentil o convida para musicar a peça teatral "Pedro Mico" de Antônio Callado. Ele compôs ainda o samba *Espera* que foi gravado pela cantora maranhense Alcione.²⁵

Em 1973, os sambistas Riachão e Batatinha (aos 49 anos) dividem o LP "Samba da Bahia", gravado no Teatro Vila Velha por iniciativa de Paulo Lima e Edil Pacheco. Neste disco estão os sambas-canção *Diplomacia*, *Ministro do samba*, *Inventor do Trabalho* e o *Direito de Sambar*. Em 1976, Batatinha grava seu único álbum-solo, "Toalha de Saudade".

Batatinha viveu na pobreza, não conseguindo se encaixar no mercado da música popular brasileira. Mesmo assim o sambista incentivou e promoveu diversos eventos ligados ao gênero, como a "Segunda do Samba" e o "Dia do Samba", realizados no Largo do Santo Antônio e do Terreiro, respectivamente.

Faleceu no ano de 1997, tendo registrado apenas dois álbuns em toda sua trajetória artística. Como obras póstumas foram gravados os álbuns "Diplomacia" e "Batatinha - 50 anos de Samba".

2- João Jorge Rodrigues

Mestre em direito, João Jorge é atualmente presidente do Grupo Cultural Olodum, tendo já exercido cargo outras vezes. Foi com sua administração, iniciada nos anos 190, que o Olodum empreendeu seus principais projetos e, sobretudo, seu modelo de gestão.

Uma das particularidades do Olodum é definir estratégias diferenciadas ao trabalho social, ideológico e mercadológico. Com a Escola Criativa foi um dos primeiros blocos afros, senão o primeiro, a desenvolver um trabalho sócio-cultural e educativo com moradores de seu bairro de origem, tendo como público preferencial as crianças e jovens. A formação do Bando de Teatro Olodum, em parceria com o diretor Márcio Meireles e outros artistas foi também uma frente de ação diferenciada, como indica Chica Carelli:

A idéia desenvolver um teatro a partir da cultura local, da linguagem local, de autores locais, com a história da Bahia. Um das ações era trabalhar montagens que refletissem uma realidade sócio-cultural e histórica baiana, numa vertente de um teatro mais brasileiro. Nessa época João Jorge também trabalhava na Fundação Gregório de Mattos, quando então foi proposto que se criasse um grupo de teatro no Olodum – eles estavam criando uma série de ações, companhia de dança, coral, alternativas de linguagens dentro do grupo cultural do Olodum.²⁶

O terceiro aspecto a ser ressaltado diz respeito à publicidade e atração da mídia, de outros artistas e da classe média de Salvador que passou a freqüentar os ensaios e se associar ao

²⁵ Disponível em: www.facom.ufba.br/musicanordestina/batata

²⁶ Chica Carelli é a atual coordenadora do Bando de Teatro Olodum e também é produtora do Teatro Vila Velha. Em entrevista concedida no dia 23 de maio de 2006.

Olodum. O Grupo assim conseguiu se inserir no mercado musical de Salvador e do Brasil, inclusive dando visibilidade aos outros grupos e, sobretudo à área em que estava, no caso, o Pelourinho. Agregado a esta publicização alguns símbolos como a estética afro, o ritmo samba-reggae, as cores, letras de músicas, gírias e danças tornam-se produtos culturais comercializáveis a toda população. Atualmente percebe-se que a maior parte do público que assiste aos ensaios do Olodum é composta por turistas.

Se [antes] sair no Olodum, ir à terça-feira do Olodum, vestir alguma coisa que identificasse o Olodum era uma coisa ruim, hoje é um símbolo de um status de 'transporte', de 'transição'. Mostra que as pessoas estão freqüentando, convivendo ou participando, conseguem ir ao gueto, conseguem se misturar e conseguem voltar intactas (RODRIGUES, 1995, p. 83).

Pode-se dizer que João Jorge consolidou no Olodum demandas de diferentes parcelas da sociedade, mas conseguindo incitar e ter como eixo a integração racial.

3- Neguinho do samba

Quando se formou o Bando de Teatro Olodum, grupo teatral inicialmente vinculado ao bloco afro, a primeira peça encenada, *Essa é a nossa praia*, era um retrato do Pelourinho no início dos anos 1980. Lendo o texto da peça encontramos referência a Neguinho do Samba, sobretudo nas falas das mães de meninos que estavam começando a tocar no Olodum. Esta narrativa teatral, assim como a conversa com Neguinho, indicam como a movimentação cultural do Centro Histórico tinha entraves políticos, ideológicos, e também de consciência dos residentes do projeto que se iniciava.

Neguinho trabalhou no Olodum entre 1982 e 1998, tendo antes participado da fundação do Ilê Ayê em 1974. Nos dois blocos afros Neguinho do Samba atuou na regência, na criação de Bandas Mirins, nos arranjos das Bandas do carnaval e na conscientização dos músicos. Era por este último ponto que ele incomodava os residentes da comunidade do Maciel-Pelourinho (nome dado à área do Centro Histórico nas décadas 1970-80). Em suas palavras, “começamos a educar os meninos para não roubar na área do pelourinho e também ‘embarrerar’ quem tentasse – o que mudou os meninos foi a música.”²⁷

Um outro destaque que é dado a Neguinho do Samba vem de sua participação na criação do ritmo do samba-reggae. Neguinho fazia arranjos de Daniela Mercury, do Olodum e outros grupos baianos que explodiram na mídia neste período. Ensaïava com o Olodum quando Paul Simon se encantou pelo Grupo e publicizou sua música internacionalmente. A batida, as coreografias, as cores do Olodum, surgiam numa mistura de trabalho cotidiano, intuição e necessidade, segundo o músico.

Saindo do Olodum, Neguinho fundou a Associação Educativa e Cultural Didá e segue dando continuidade às atividades de regência, arranjo e educação. Coordenando o grupo e a instituição, Neguinho focalizou o trabalho com música especificamente para mulheres e crianças. Aprofundando seu trabalho de criação, segue construindo instrumentos de percussão leves e adaptados ao corpo e força feminina. A Banda Didá profissional realiza

²⁷ Neguinho do Samba atualmente coordena a Escola e Banda Didá. Em entrevista concedida no dia 06 de julho de 2006.

shows na Praça Tereza Batista, e as meninas em formação fazem ensaios às terças-feiras, em frente à sede.

Neguinho gerencia a escola Didá com recursos vindos, sobretudo de estrangeiros – “dou aulas, faço apresentações, fabrico e vendo instrumentos para os gringos”. Afirma não ter parceria com o governo do estado ou da prefeitura, com exceção do carnaval. No entanto, mesmo para esta festa, diz receber apenas o valor de R\$ 40 mil, sendo que são gastos mais de R\$ 160 mil. Para o carnaval não são cobrados preços para fantasias, pois assim não precisa pagar imposto, então para sair no Bloco afro Didá se pede dois quilos de alimentos e material de limpeza apenas, que são doados em sua maioria.

Neguinho do Samba, que se chama Antonio Luis Alves de Souza, morador do Centro Histórico até hoje, diz ter se interessado por música vendo o pai: “Eu não podia pegar no bangô que meio pai tocava em uma orquestra, então furava as bacias de minha mãe, levava na marcenaria, colocava fundo de madeira e começava a bater”.²⁸

4- Gerônimo

Só uma pessoa hoje faz um excelente trabalho. O Gerônimo. Apresenta-se todas as terças feiras na escadaria da Igreja do Passo. Faz um excelente trabalho musical, convida os melhores músicos e gente nova. Começou com meia dúzia de gatos pingados assistindo e hoje consegue preencher toda a escadaria, sem auxílio da imprensa, mas pela qualidade do trabalho.²⁹

O show “O Pagador de Promessa” é organizado por Gerônimo desde 2002. Neste encontro musical, o artista toca suas composições e abre espaço para outros artistas se apresentarem. Atualmente este está sendo o principal projeto do músico que não conta, segundo o mesmo, com patrocínio ou apoio.

Em entrevista³⁰ Gerônimo afirma que sua vida artística começou no Pelourinho. Além de ter morado no Centro Histórico, em 1979 e depois entre 1981 a 1985, sua música “Eu sou negão” torna-se, em 1987, um manifesto afro dos “guetos” como Pelô e Liberdade. Neste período Caetano também cantava “Eu sou neguinha?”. Segundo Gerônimo, “o que estava em jogo naquele momento era a luta pelo respeito às manifestações negras. E a gente não queria isso só no carnaval não” (*apud* GUERREIRO, 1997, p. 97)

Gerônimo Santana Duarte foi músico do trio elétrico Dodô e Osmar, na década de 1970, tocou e saiu no Afoxé Filhos de Gandhi durante alguns anos e, assim como muitos artistas baianos nos anos 1980, também misturou a musica caribenha com o ijexá do candomblé em suas composições.

²⁸ Neguinho do Samba atualmente coordena a Escola e Banda Didá. Em entrevista concedida no dia 06 de julho de 2006.

²⁹ Dimitri é morador, dono de uma galeria e diretor da ONG Associação Cultural Viva Salvador no Pelourinho. Entrevista concedida a Carlota Gottschal e Mariely Santana, dia 05 de agosto de 2005.

³⁰ Gerônimo, músico, realizador do Show o Pagador de Promessas e proprietário do espaço Casa de Gerônimo no Pelourinho, em entrevista no dia 23 de maio de 2006.

Segundo Gerônimo, a movimentação cultural no Pelourinho não tinha tanta força como tem hoje, as manifestações culturais eram espontâneas. Foi com os ensaios dos blocos afros que se começou a organizar uma agenda cultural do Pelourinho, atraindo uma população que antes não freqüentava a área. No entanto, indica que sua iniciativa é uma das poucas feita sem a intervenção do projeto Pelourinho Dia & Noite, diminuindo a diversidade musical do Centro Histórico.

O músico é ainda proprietário de um imóvel na Ladeira do Carmo, a Casa de Gerônimo, que funciona como empresa de produção e de acervo sobre a trajetória do artista.

▪ **Religião**

1- Dom Timóteo Amoroso

Mineiro, nascido em 1910 em Barbacena, Luis Antonio (seu nome de batismo) era formado em direito e professor de latim e grego, casado com Geni que faleceu aos 21 anos de idade, vítima de tuberculose. Dois anos depois do falecimento de sua esposa ele foi fazer um retiro no Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro, onde morava e tendo conhecido a Regra dos Beneditinos – texto do século V d.C. que trata sobre o modo de vida e filosofia dos monges e sua busca de Deus – se converteu.

Veio para Salvador em 1965, eleito abade. Um ano antes havia trabalhado com Dom Helder Câmara como auxiliar de liturgia. Neste período, época do segundo papado, um novo concílio trazia inovações sobre a liturgia. Uma delas trata da aculturação do culto, ou seja, da apropriação da cultura de cada povo como formas de expressão do sagrado e da eucaristia. E na Bahia pode por em prática o respeito às diversas manifestações das culturas. Em depoimento o abade conta sobre a missa que passou a realizar com atabaques e outros instrumentos da cultura afro, era a missa realizada às 18h, a qual chegava a ter mil pessoas assistindo.³¹

O contato com a cultura negra da Bahia foi muito importante para mim, inclusive, no próprio ano que eu tomei posse [1965] aqui teve uma formatura, onde nós fizemos por duas vezes aqui uma missa, com um amigo meu também monge tinha escrito no Rio, chamada missa do morro. Ele era muito amigo do Paulinho da Viola, ia muito ao morro, essa missa foi feita numa criatividade imensa, era um monge francês. E nós realizamos aqui, inclusive com atabaques, berimbaus, violão, etc. Foi uma celeuma. Eu tenho um dossiê muito grande dos jornais, porque foi uma coisa tremenda. Isso me alienou de toda parte conservadora da sociedade baiana, de pessoas que declararam que nunca mais iam colocar os pés na igreja, mas me tornou também amigo de toda juventude, de todo pessoal aberto que apreciou aquilo. (...) Então a gente começou a ver essa aculturação e mostrei que isso era um fato da cultura da Bahia, independente da utilização desses

³¹ Entrevista de José Antonio Saja, professor de filosofia da UFBA e irmão do Mosteiro de São Bento de Salvador, concedida no dia 06 de julho de 2006.

instrumentos em cultos não católicos, como é candomblé, mas apresentavam uma dimensão cultural da Bahia.³²

Dom Timoteo Amoroso também foi um beneditino que abriu as portas da igreja a militantes da Ditadura Militar. Em 1968 houve um confronto entre a polícia e estudantes secundaristas e universitários na avenida sete, onde se localiza o Mosteiro, no qual os estudantes e militantes se esconderam e tiveram proteção do abade. Com isso Dom Timóteo conquistou não só a simpatia, mas a admiração de muitos intelectuais da Bahia.

Dom Timoteo renuncia a abade em 1981, mas continua no Mosteiro de São Bento de Salvador (o primeiro fora da Europa), lugar que lhe tinha fascinado. Aos 80 anos é homenageado com o título de *honoris causa* pela Universidade Federal da Bahia. Depois de anos de dedicação, fé, compromisso com os valores humanos, a liberdade de expressão e de opinião, e lutando por um país justo, Dom Timoteo Amoroso falece em 1994.

▪ Liderança Comunitária

1- Clarindo Silva

No lugar onde é a Cantina da Lua antes era o Bazar Americano. Neste local Clarindo trabalhou durante 17 anos (passando pelos cargos de empregado doméstico, auxiliar de balcão, gerente e contador), até que em 1971 ele se torna o arrendatário do espaço.

Como proprietário, Clarindo busca, inicialmente, conhecer e atrair cada vez mais a clientela de seu estabelecimento. Clarindo começa a aproximar para a Cantina desde boêmios e ambulantes, a profissionais liberais, estivadores e petroquímicos (categoria trabalhista recente na década de 1970 com a criação do Pólo Petroquímico de Camaçari), além de estudantes e professores da Faculdade de Medicina, jornalistas e radialistas da imprensa que se situava no Centro Histórico. Clarindo faz questão de homenagear todos os ilustres e pessoas queridas que freqüentavam a Cantina, confeccionando placas e dando nomes a pratos da casa.

Clarindo se aproximou, sobretudo, de artistas e intelectuais. Seu vínculo com os artistas e a busca de parceiros de instituições culturais que se firmavam no Pelourinho resultaram em vários projetos para a revitalização do Centro Histórico. Reunia moradores, empresários locais, instituições religiosas, trabalhistas e sociais em torno da luta pela preservação e restauração daquele espaço. Entre suas iniciativas estão, a Revicentro, o Projeto Cultural Cantina da Lua e o projeto Criançarte. Todas essas ações buscaram, segundo o próprio Clarindo, promover a educação patrimonial, dar visibilidade ao Centro Histórico, chamar a população baiana, atrair investimentos junto aos governos municipal, estadual e federal para aquela área tão importante e tão esquecida de Salvador.

A defesa pela área do Pelourinho foi motivo de campanhas a deputado e vereador que

³² Depoimento de Dom Timóteo Amoroso gravado em 1988, no Mosteiro de São Bento, convertido em cd “História falada: Depoimento a Diogo Tavares e Olívia Soares”.

Clarindo disputou pelo PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Com isso, Clarindo se tornou referência daquele espaço, sendo homenageado pela Câmara, convidado em datas comemorativas (como no Dia das Baianas, organizado pela Bahiatura) e tendo trabalhado como assessor do IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (SILVA, 2004). Por tudo isso, Clarindo se posiciona como um parceiro do grupo político que desde 1991 administra o governo do estado (sendo este o grupo do PFL – Partido da Frente Liberal, que tem como figura central Antonio Carlos Magalhães).

Até hoje Clarindo Silva comanda o restaurante, e segue com o Projeto Cultural Cantina da Lua para o qual está sendo montado um espaço no Largo do Pelourinho de acervo sobre publicações que tratem do Centro Histórico e para realização de eventos, como lançamento de livros e exposições. No restaurante, semanalmente são realizados shows, de artistas locais – muitos, inclusive, moradores da área.

2- Gessilda

Moradora do Centro Histórico desde 1997, passou pelo processo de desocupação da área do Centro Histórico, coordenado pela CONDER – Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador, inserido no projeto de recuperação do Pelourinho promovido pelo governo do estado em 1991. No ano de 1997 foi iniciada a sexta etapa (só finalizada em 2004) que previa a restauração de 115 imóveis.

A nova utilização dos imóveis seria, basicamente, para o comércio. A intervenção feita pelo projeto do governo do estado não englobava ações para a memória, as expressões culturais e as atividades desenvolvidas pelos residentes do local. Até mesmo serviços básicos em um bairro residencial, como farmácias e padarias, por exemplo, no Pelourinho são poucos. Com isso, em 2002 surgiu a AMACH – Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico, que reivindica, entre outras questões, a garantia de permanência dos moradores do CHS e a sua revitalização enquanto espaço social, e não apenas turístico.

Gessilda, líder comunitária e representante da AMACH, tem trabalhado e reivindicado pela permanência da população no Pelourinho. Ela complementa:

Nesse processo de revitalização, estamos, com a Associação, tentando fazer um trabalho dentro da comunidade, para que a exclusão social seja banida, e que as vidas voltem a ser revitalizadas, e que nós possamos ficar aqui dentro do Centro Histórico, de uma forma onde a nossa auto-estima (...) Os moradores são aqueles que permanecem onde a cultura pode ser revitalizada todos os dias, independente de movimentos, de governos, a vida humana tem que ser um ponto fundamental em qualquer obra. (...) E nós aqui da AMACH, como moradores, queremos mudar, na briga, no grito, com denúncia, de que existe gente, existe vida, e que nós merecemos respeito. E dentro desse respeito estamos buscando parceiros para mudar a qualidade de vida das pessoas que aqui residem, com qualificação, capacitação profissional, e que eles possam se inserir no mercado de trabalho em qualquer área, não só no Centro Histórico.³³

³³ Gessilda é líder comunitária e representante da Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico. E entrevista concedida à Carlota Gottschal e Mariely Santana no dia 13 de setembro de 2006.

3- Mãe Preta

Maria Davina Rodrigues de Oliveira reside na Ladeira da Montanha, no Centro Histórico de Salvador desde 1948. Foi, durante muitos anos prostituta dos castelos e bordeis do local. Deixou de ser prostituta e com a intenção de ajudar as outras mulheres, Mãe Preta, como ficou conhecida, passou a cuidar dos filhos, que nasciam ou que continuavam com as mães prostitutas.

A partir daí passou a acolher aos necessitados, alimentando-os e dando abrigo. Aos 82 anos, continua desenvolvendo esse trabalho em um dos antigos casarões em ruínas da Ladeira da Montanha, conhecido como Abrigo de Mãe Preta. Atualmente reside no Abrigo cerca de 100 pessoas, entre crianças, jovens e adultos. Além dos residentes, Mãe Preta recebe cerca de 800 pessoas que se alimentam em sua casa. São mais de dez quilos de feijão, cinco de arroz, galinha e carne, que ela consegue através de caridade, que em depoimento no vídeo *Pelô 450*, Mãe Preta diz que muitas vezes não ser suficiente.

4- Alzira do Conforto

Nascida em 1905 e criada no Pelourinho, Alzira de Oliveira é lembrada pelos moradores do Centro Histórico, antiga comunidade do Maciel, como uma importante liderança. Na época em que o Centro Histórico era marginalizado e se encontrava bastante deteriorado, Alzira buscou a partir da cultura negra uma forma dinamizar a economia e a auto-estima local. Fundou o Bar do Reggae, hoje transformado em Praça do Reggae, mas sob administração de seu neto Albino Apolinário de Santana.

Alzira é reverenciada pela comunidade em que viveu por características como a bondade, o senso de justiça, a cooperação e o incentivo à valorização da cultura negra, sobretudo a cultura do Reggae.

Ofícios

1- Trançadeira

Com o movimento de afirmação étnica, as tranças tornam-se não apenas expressão de uma identidade, mas também um modismo. Os associados de blocos afros e afoxés foram os primeiros a disseminar a beleza e os novos contornos do cabelo afro. Recentemente, a partir do ano 2000, as tranças aparecem de modo mais cotidiano, tanto entre negros, mestiços e brancos, assim como entre mulheres e homens.

O Pelourinho, sendo espaço de uma comunidade negra, sempre teve, em suas casas mães e crianças, sobretudo meninas, que aprendiam desde cedo uma maneira de arrumar o cabelo. Com a intensificação do turismo no Centro Histórico, as trançadeiras, assim como as baianas de acarajé, surgem como trabalhos informais ou temporários de moradoras locais.

A movimentação cultural e também identitária do Pelourinho cresceu, transformando o ofício de trançadeira em um modo de sustento familiar. Passam a vir mulheres e homens de outros bairros para trabalhar na área. Cursos no SEBRAE e no Projeto Axé são oferecidos e mais recentemente se inicia um processo de criação da Associação das Trançadeiras da Bahia, vinculada ao IPAC.

A associação, atualmente, delimita os lugares onde poderão estar as trançadeiras, que antes devem ser cadastradas na organização. Essa delimitação é feita de acordo com demandas de salões específicos para cabelos afros e de restaurantes instalados no Pelourinho, que não aceitam que as trançadeiras trabalhem próximo aos estabelecimentos pela concorrência ou por medida de higiene. O Ministério Público, como informam as trançadeiras Rosa e Josefa em entrevista³⁴, está solicitando que a Associação das Trançadeiras possua um espaço físico específico para este trabalho, no entanto, a Associação não está conseguindo a liberação desse lugar junto ao IPAC.

O melhor período de trabalho é durante o Carnaval, quando vêm turistas de diversas partes do mundo e na época de julho, quando acontecem as férias na França. No carnaval o IPAC fiscaliza a quantidade de acompanhantes de cada trançadeira, o máximo permitido são dois. No verão, em média são feitas dez tranças por dia, porém, durante a baixa temporada, é possível ficar semanas sem fazer uma trança sequer. O valor cobrado geralmente é com fibra, de R\$ 100 a R\$ 150 e sem fibra, de R\$ 3 a R\$ 30, a depender do tamanho do cabelo, do fio e do penteado. As trançadeiras do Centro histórico também fazem tranças em hotéis ou em casas, quando solicitadas.

Com relação à violência e o desrespeito, segundo Rosa, acontecem mais entre trançadeiras concorrentes, do que com os marginais que perambulam pelo Centro Histórico. Mas é muito constante o pedido de programas (prostituição) feito por turistas estrangeiros, feitos por algumas trançadeiras.

2- Oficina de Investigação Musical (OIMBA)

Fundada em uma parceria do Mestre Bira Reis com o francês Damian Hazard, a OIMBA é uma organização não governamental que trabalha com construção de instrumentos de percussão. Crianças e adolescentes, público alvo do projeto, aprendem a fazer atabaques, xequerés, reco-recos e tambores, instrumentos básicos para qualquer bloco afro do Centro Histórico. Uma pesquisa sonora também é desenvolvida utilizando como matéria prima sucata. Blocos como Busca Pé e Kizumba, formados por jovens vinculados à OIMBA, no carnaval apresenta como resultados os instrumentos criados e suas variações rítmicas.

3- Moda Axé

Criação, técnicas de maquinários de costura e corte industrial; produção, elaboração de peças; distribuição, produtos que utilizam a cultura afro como referência e diferencial. São esses os passos da Moda Axé, ação vinculada ao Projeto Axé, que auxilia na formação profissional de diversos jovens aprendizes. As coleções *Stampaxé* e *Casaxé*, desenvolvidas

³⁴ Rosa e Josefa têm “ponto” no Largo do Cruzeiro. Entrevista concedida no dia 16 de abril de 2006.

pelos alunos, são comercializadas em uma loja da ONG, no Pelourinho.

4- Eletrocooperativa

A ONG foi criada em 2003 com associação de algumas instituições públicas tais como, Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia e UFBA e as empresas Philips e Avina. Tem como meta a inserção de jovens de famílias de baixa renda no mercado cultural profissional, através do acesso à tecnologia aplicada à música, para que, a longo prazo, esses jovens consigam estruturar uma cooperativa de produção artística auto-sustentável.

Localizada no Pelourinho, na Eletrocooperativa, os jovens participantes têm a oportunidade de entrar em contato com programas de computador de última geração, específicos para a produção musical, para utilizá-los como suporte à composição, arranjo, gravação, edição e masterização. Também se pretende registrar e difundir a música jovem urbana, através da distribuição e divulgação das obras via Internet, utilizando o conceito de generosidade intelectual, tendo como suporte jurídico a licença do *creative commons*.³⁵

Iniciativas como promoção de debates sobre inclusão social, digital, sobre a atual situação da música da Bahia, além da criação de uma rádio digital, dão mérito à ação da ONG. Um acompanhamento das produções da indústria fonográfica, assim como o estudo das vias digitais são condições necessárias para os jovens poderem se inserir profissionalmente no mercado.

5- Liceu de Artes e Ofícios

A instituição existe desde 1872, criada na época pós-abolicionista, atendia a jovens das classes populares oferecendo formação profissional através de ofícios como a marcenaria, a gráfica e a mecânica. Com mais de cem anos de atuação, o Liceu se adaptou aos vários cotidianos vividos no Pelourinho renovando seus projetos, metodologias e práticas. Hoje com o trabalho especializado na arte-educação a ONG desenvolve oficinas nas diversas áreas artísticas: Preparação do Ator; Teatro de Rua; Preparação do Dançarino; Técnicas de Espetáculo; Restauo e Arte Aplicada; Produção Cultural e Grupos de Teatro; de Música, de Dança e de Liderança Jovem e Mobilização Social.

A tecnologia educacional com o teatro [do Liceu] foi reconhecida como principal experimento educacional do país em 1997, ano em que conquistou o prêmio Eco, da Câmara Americana de Comércio. (...) Dentre os jovens que concluíram o Programa em 2003, mais de 70% dispunham-se a continuar o aprendizado do Liceu prestando exames para a universidade; alguns receberam prêmios em performance, outros ganharam bolsas, ao todo 35 jovens estavam, já, recrutados em grupos profissionais, absorvidos ou comprometidos com ofertas no mercado de trabalho e no próprio Liceu (LICEU, 2003, p.8-9).

³⁵ Disponível em: www.eletrocooperativa.org

O espetáculo Cuida Bem de Mim criado em 1996, completou dez anos em cartaz é um exemplo da continuidade e qualidade do trabalho desenvolvido pela instituição. Realizadas mais de 400 apresentações, atingindo um público de 200 mil estudantes, conseguiu apoios como da Petrobrás e do Instituto Ayrton Senna.

6- Associação Educativa e Cultural Didá

A Associação Educativa e Cultural Didá é uma organização sem fins lucrativos, que atua promovendo gratuitamente atividades de arte-educação que englobam as manifestações populares afro-brasileiras. Os projetos visam também o estímulo a manifestações coletivas, ao trabalho em conjunto, a cidadania e a consciência da vivência comunitária respeitando as semelhanças e as diferenças.

A base educacional está na transformação através do tambor, mais precisamente do samba reggae, ritmo bastante característico do Pelourinho tendo como principal colaborador e criador o Maestro Neguinho do Samba, também fundador do projeto Didá. A instituição disponibiliza onze cursos, sendo eles: percussão, dança afro, teatro, capoeira, artesanato, canto, bateria, violão, cavaquinho, teclado e sopro. O número de alunos por ano varia entre 600 a 800 crianças e adolescentes. A banda Didá é o principal produto da Associação, que lhe dá maior visibilidade e permite continuar o projeto educacional.

7- Escola Criativa Olodum

A Escola Criativa Olodum é uma experiência pioneira desenvolvida na área do Pelourinho com uma proposta pedagógica que reúne ao currículo escolar tradicional, o ensino de várias linguagens artísticas, a preservação da cultura afro-baiana e formação atenta à história dos negros e aos movimentos contemporâneos de contestação ao preconceito, discriminação e racismo na sociedade brasileira.

A história da Escola Criativa começa em 1984 com o projeto Rufar dos Tambores, criado pelo Olodum, que oferecia aulas gratuitas de percussão e cursos de complementação escolar. A atividade atendeu, na época, a uma solicitação da comunidade do antigo Maciel-Pelourinho. Daí também surgiu a Banda Mirim.

A Escola Criativa Olodum busca garantir às crianças e adolescentes atenção e respeito aos valores culturais, artísticos e históricos próprios de seu contexto social, garantindo também sua liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura. Além disso, a escola realiza um trabalho preventivo no combate ao uso de drogas lícitas e ilícitas, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (como Aids) e demais riscos a que estão sujeitos jovens em situação de vulnerabilidade social e pessoal, propiciando o fortalecimento dos vínculos familiares, escolares e comunitários.³⁶

Novos cursos e atividades continuam sendo desenvolvidos. Em 2004, por exemplo, iniciou o curso de informática na Escola Criativa que além de atender aos estudantes, tendo mais de 120 entre 7 e 21 anos, se estendeu para os compositores de blocos afros, com turmas de

³⁶ Disponível em www.olodum.org.br

20 alunos, somente para adultos.³⁷ Foi também criado o Centro de Formação, Documentação e Memória do Olodum - CDMO, como o objetivo principal de preservar a memória do Grupo Cultural Olodum.

8- Conhecimento da infusão (o Cravinho)

O Centro Histórico atualmente é reconhecido pela gastronomia que é possível encontrar em seu espaço, seja típica, exótica, regional ou internacional. Além disso, o Pelourinho guarda a tradição, comum em diversos municípios do interior baiano, de comercializar infusões, que são misturas de ervas curtidas com cachaça. O Cravinho é uma dessas iguarias sendo produzido com cravo e curtido durante duas a três semanas num barril de cachaça, até o momento de retirar o sumo e servi-lo com mel e limão.

A invenção dessa bebida acontece, assim como contam alguns moradores, com a explosão da Terça da Bênção. A bebida passa a ser característica da Festa, sendo servida em diversos bares, barracas e por ambulantes. O Cravinho sempre foi feito e servido no Pelourinho. Segundo Clarindo Silva, que reclama a autoria da infusão, que ele indica como afrodisíaca, o cravinho já chegou a ser exportado para Portugal.³⁸

Mestres Populares

▪ Capoeira

1- Mestre Pastinha

A casa nº 29 da Ladeira do Pelourinho abrigou o Mestre Pastinha, um dos símbolos da capoeira na Bahia. Ali ele mantinha uma academia de capoeira de Angola. Nasceu em 05 de abril de 1889, em Salvador, e morreu cego em 13 de novembro de 1981 (FÉLIX, 1995, p. 81).

Mestre Pastinha criou uma escola que formou uma nova geração de capoeiristas. Na época, próxima aos anos de 1930, a conservadora sociedade baiana reprimia as manifestações que carregavam uma história cultural negra, e a capoeira era a expressão mais marginalizada. O Mestre Pastinha foi um dos primeiros a reportar a cultura de rua da dança-luta a um espaço de aprendizado. Mestre Curió, João Grande e João Pequeno são alguns angoleiros seguidores de Pastinha. O local onde era a sua academia hoje é o restaurante Senai.

2- Mestre Bimba

O Mestre Bimba, Manoel dos Reis Machado, nasceu em Salvador em 1899, e assim como o Mestre Pastinha, Bimba passou a ministrar aulas de capoeira, no Pelourinho, na década de 1930.

³⁷ ESCOLA Criativa promove inclusão digital. IMFORMEC – Informativo da Escola Criativa Olodum. Salvador, ano I, n. 3, jun./jul./ago. de 2004.

³⁸ Clarindo Silva, dono do restaurante Cantina da Lua localizado no Terreiro de Jesus, em entrevista concedida dia 22 de abril de 2006.

Apesar de ter aprendido a capoeira de Angola, Mestre Bimba introduziu elementos do jiu-jitsu, boxe e outras artes marciais na luta, criando assim uma nova vertente da capoeira que passou a chamar Regional. A maneira como os ensinamentos eram transmitidos também se diferenciavam. Bimba considerava a capoeira como um esporte e foi assim que difundiu essa linguagem. Em sua academia eram oferecidas aulas diárias pela manhã, tarde e noite, a um público de estudantes universitários, profissionais liberais e rapazes da classe média alta (FÉLIX, 1995, p. 135).

Muitos capoeiristas, na época, não aceitavam a Capoeira Regional. Mas foi com ela que Mestre Bimba pôde impulsionar e divulgar o aprendizado da capoeira.

Bimba e Pastinha morreram na miséria sem saber da importante contribuição que haviam dado para a cultura e a diversidade da Bahia. Bimba faleceu em 04 de fevereiro de 1974, em Goiânia.

3- Mestre Curió

Jânio Martins dos Santos, o Mestre Curió nasceu em 1937, em Candeias, interior da Bahia e desde os seis anos de idade pratica a Capoeira de Angola. Em Salvador dá aulas na Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos do Mestre Curió, no Pelourinho, e no Instituto Araketu, já tendo sido também dirigente da Associação Brasileira de Capoeira Angola.

Na Capoeira de Angola, além da técnica dos golpes e movimentos, é de fundamental importância a transmissão de valores essenciais, como a humildade e o respeito. E é nesse sentido que Mestre Curió vem desenvolvendo um trabalho com crianças da comunidade de Colina do Mar, localizada no Subúrbio Ferroviário.

A capoeira foi criada como dança, como movimento de defesa. Nunca encarei a capoeira como atividade marginal, mas como uma forma de arte. O capoeirista é o artista do nosso povo, do povo negro. E o artista negro ainda sofre uma opressão silenciosa em Salvador.

Enfrentei muitas dificuldades desde criança, mas nem por isso me marginalizei. Hoje ajudo a tirar crianças da marginalidade. Quando você pega uma criança, e mostra a ela o valor da cultura negra, ensina uma ocupação, uma arte, o resultado é uma satisfação. Não existe maior recompensa do que quando você tem uma criança infratora, por exemplo, e ajuda a tirá-la do mundo das drogas.³⁹

4- Mestre João Pequeno de Pastinha

João Pereira dos Santos, vindo também do interior do estado, em Salvador começou a aprender capoeira. Conheceu os principais mestres da época, inclusive Mestre Pastinha, de quem é discípulo direto, herança guardada no nome do Mestre.

João Pequeno de Pastinha, nascido em 1918, ainda hoje, aos 88 anos, ensina na academia

³⁹ Revista Viva Salvador, da Fundação Gregório de Mattos, mar./abr., 2005, p. 17.

Forte Capoeira, localizada no Largo do Santo Antonio, e em outras instituições do Subúrbio Ferroviário. Em reconhecimento ao importante trabalho divulgação da capoeira de Angola, João Pequeno recebe diversas homenagens, como o título de Comendador da República.

5- Mestre Di Mola

Domingos André dos Santos nasceu na cidade de Ituberá, Bahia, em 1952. Ainda criança, anos nove anos, sai de casa. Na década de 1960, junto com outros capoeiristas adolescentes iniciou a roda de capoeira que acontecia em frente ao Mercado Modelo e que atraía muitos curiosos. Era uma outra maneira de organização da capoeira que se moldava. Não era nem a roda que acontecia nas ruas caracterizadas, no início do século XX, como briga entre marginais, nem era uma capoeira esporte, com aula e filosofia ensinadas em um espaço fechado. Era uma forma de espetáculo.

Mestre Di Mola, além da capoeira, era também conhecedor de diversos aspectos ligados à ancestralidade africana.

▪ Artesões musicais

1- Paraíba da Viola

Paraíba da Viola, mestre repentista e violeiro, nasceu em 1942 no estado da Paraíba, cidade de Teixeira (atualmente Matureia). Aos 33 anos veio para o sertão baiano morar na cidade de Conceição de Coité. Começou a trabalhar como repentista aos quarenta anos. Mas como indica no relato abaixo, a poesia esteve com ele desde a infância.

Esta foi uma arte que herdei do meu pai. É uma arte que, se a gente não nascer com ela, não executa. Meu pai era repentista de embolada, então já nasci poeta; desde menino já fazia uns versinhos.

Paraíba gravou três discos com parceiros musicais como Bule-Bule e Antônio Queiroz e além dos Desafios de Repente que improvisa em rodas formadas nas praças de Salvador, é ainda responsável pela Banca dos Trovadores, na Praça Cairú, próxima do Pelourinho, na qual vende seus cordéis.

Ser cantador é uma coisa que eu faço com amor, que eu zelo muito, foi uma coisa que Deus me deu. Eu sou um repentista e agradeço a Deus por estar aqui. Não é que eu esteja ganhando esse dinheiro todo – talvez se tivesse trabalhando em outra coisa ganhasse mais – mas faço o que eu gosto. E me orgulho de defender a cultura popular brasileira. E enquanto Deus me der força, essa cultura não morre não.

Gosto de cantar repente / No claro da lamparina
No recanto da fazenda / Numa casa pequenina
Onde mora o retrato / Da cultura nordestina⁴⁰

⁴⁰ Revista Viva Salvador, da Fundação Gregório de Mattos, mar./abr., 2005, p. 23.

2- Bira Reis

Nascido em 1954, o Mestre Bira Reis dedicou 30 anos de sua vida à pesquisa da cultura e da música populares da Bahia. Morador do bairro da Saúde, Bira atua no Centro Histórico fazendo a coordenação da Oficina de Investigação Musical (OIMBA), onde ensina a crianças de rua a construção de instrumentos e a arte da música experimental. Bira trabalha também em outros projetos sócio-culturais, como o Projeto Axé.

Além de músico de percussão e sopros, arranjador, compositor e pesquisador, a principal maestria de Bira está em confeccionar instrumentos singulares de percussão. Faz instrumentos utilizando objetos do cotidiano como colher de pau, cordas e birros de fazer renda (descrição de uma de suas criações).

3- Mestre Prego

Mestre Prego é professor e maestro de percussão da Escola Meninos do Pelô, fundada por ele em 1986. Em sua trajetória com a música, que remonta aos anos 1953, Mestre Prego já participou como integrante de importantes blocos e afoxés como Olodum Ilê Ayê, Comanches do Pelô, Filhos de Gandhi e Alvorada. Tocou ainda no Alabê, Ébano, Arca de Olorum, Epualê, Troça Africana, todos blocos afros criados no Centro Histórico. Em blocos carnavalescos, Prego participou do Vai Levando, Patota, Lords, Corujas, Internacionais.

No Olodum, Mestre Prego foi um dos primeiros diretores da Banda Mirim, entre 1975 e 1976. Sua experiência e valorização do trabalho com crianças impulsionaram o Mestre a criar a Escola Meninos do Pelô. Não cobrando matrícula, a escola tem como alunos filhos de moradores do Centro Histórico. Os ensaios e aulas, atualmente, são dados nas ruas do Pelourinho, pois Prego perdeu a casa que fazia de sede. A escola se apresenta durante o carnaval, recebendo cachê, e nas Terças da Bênção, de graça. A compra e manutenção de instrumentos, transporte e alimentação para as crianças, está sob responsabilidade de Mestre Prego. Às vezes a escola consegue instrumentos através da Bahiatursa e do projeto Pelourinho Dia & Noite.

Da Escola Meninos do Pelô saíram alguns músicos que hoje tocam com Daniela Mercury, no Grupo É o Tchan e Terra Samba. Os ensaios acontecem na ladeira do Maciel, próximo ao Teatro XVIII.

▪ Culinária

1- Alaíde do Feijão

Alaíde da Conceição nasceu no Centro Histórico de Salvador, e desde criança auxilia sua mãe Maria das Neves, que vendia feijão desde 1945 na Praça Cairu. Com a morte da mãe, Alaíde, assumiu o ponto de venda e, em 1993 abriu um Restaurante no Pelourinho, tendo o feijão como carro-chefe. Aos 56 anos, além de culinária, especializada nas comidas afro-baianas, essa mestra é conhecedora da cultura ancestral africana.

III - Lugares

Toda atividade humana produz sentidos de lugar. Neste inventário serão incluídos especificamente aqueles que possuem sentido cultural diferenciado para a população local. São espaços apropriados por práticas e atividades de naturezas variadas, tanto cotidianas quanto excepcionais, tanto vernáculas quanto oficiais. Essa densidade diferenciada quanto a atividades e sentidos abrigados por esses lugares constitui a sua centralidade ou excepcionalidade para a cultura local, atributos que são reconhecidos e tematizados em representações simbólicas e narrativas (INSTITUTO, 2000, p. 12).

Sentimentos de pertencimento de lugar e sentidos culturais do lugar. Espaços do Centro Histórico são enfocados para contar sobre práticas da comunidade local. Com isso, não importa tanto qual o valor arquitetônico do prédio, mas que narrativas dele sobressai, que símbolos ele apropria.

Lugares de memória que guardam momentos de vida social, de degradação do Pelourinho e de revitalização da área. Com isso, são lembrados Antigos pontos de encontro, lugares de Convívio e Espaços Culturais. A divisão deste item parece tentar traçar uma linha temporal, mas não o faz definitivamente. São apenas descrições de espaços concretos, públicos ou privados, que contribuíram na construção da identidade e da simbologia locais.

No Centro Histórico estavam os principais equipamentos da cidade - instituições de ensino, culturais, do poder legislativo e executivo. Era espaço também de diferentes convívios e comércios – fosse na Rua Chile ou no Beco do Amor. No *fotting* do fim da tarde, moças e rapazes circulavam pelas lojas Slopper, Duas Américas e Sorveteria Cubana. No Café das Meninas e na Civilização Brasileira poderia se encontrar intelectuais e artistas da cidade, que ali conversavam e começavam a noite boêmia. Muitos desses lugares deixam de existir num processo conhecido de degradação do Centro Histórico. Entretanto, movimentos social e cultural se abrigam nos antigos sobrados e transformaram o Pelô em gueto de contestação e afirmação da identidade negra. Contemporaneamente são muitas tribos, sobretudo jovens, que fomentam e diversificam as práticas culturais em alguns pontos do Pelourinho.

Antigos pontos de encontro

1- Cabaré de Zazá

Nos anos 1930 o português chamado Zazá montou um dos cabarés mais bem freqüentado da cidade. Atraía a clientela pelo seu bom gosto e distinção. Entre seus fregueses destacam-se, Jorge Amado, Caymmi e Carybé. Muitos intelectuais, boêmios e gigolôs visitavam o Cabaré de Zazá, que era um tipo curioso, quase folclórico.

Era ator e bailarino. Seu nome ninguém nunca soube. Sentado em sua cadeira de rodas, não desprezava um revolver calibre 38 e implicava com mulheres mal vestidas que não se cuidavam para agradar os fregueses. Vestia sempre calça e paletó de pijama, sem abandonar um lenço de seda no bolso, uma corrente de ouro,

com medalha de brilhantes, e um anel também de brilhantes no dedo mínimo da mão direita (FÉLIX, 1995, p. 105).

2- Buraco Doce

O Buraco Doce era um prostíbulo diferente dos demais que havia no Pelourinho também nos anos 1930. Era neste lugar onde trabalhavam as mulheres mais liberadas e desprovidas de qualquer preconceito sexual, para a época. Ficava localizado no Maciel de Baixo que era a área da zona de prostituição mais popular. Frequentada, entretanto, por diversos homens (e mulheres) fossem boêmios, executivos, policiais, estudantes e desocupados, a casa funcionou regularmente até a década de 1980 (FÉLIX, 1995).

Curiosidades guardadas neste cabaré são que o imóvel era de propriedade da Santa Casa de Misericórdia e que a mulher de roxo trabalhou durante alguns anos lá.

3- Cabaré Tabaris

Na frente o Cinema Glauber Rocha, atrás o Tabaris, que se tornou um famoso cabaré. Um casarão na Rua Chile (onde hoje é o Teatro Gregório de Mattos), era o espaço do Tabaris, que na década de 1930 gozava em estar no local mais frequentado da cidade. O espaço continha um salão, onde ficavam as dançarinas sentadas aguardando a chegada dos clientes, e um cassino, no qual os homens já acompanhados das dançarinas jogavam e bebiam pela noite afora.

4- Café das meninas

Também localizado na Rua Chile, o Café das meninas era frequentado pelos intelectuais na década de 1950. Foi o primeiro local onde se trabalhou meninas (como garçonetes) na Bahia, e também onde primeiro se comercializou a Coca-Cola na Bahia. Hoje Café Chic, cujo dono é o japonês Lin, o antigo café é ponto de encontro de jogadores de palitinho e local de passagem de transeuntes e moradores da área do Centro Histórico.

Convívio

1- Cantina da Lua

O prédio onde se encontra a Cantina da Lua já foi casa bancária, redação de jornais, sala da diretoria da Faculdade de Medicina, até que teve a sua parte térrea ocupada pela Pastelaria Pombo e depois pelo Bazar Americano de Eduardo Augusto dos Reis e Walter da Costa Pinto.

No balcão do Bazar os frequentadores consumiam, sobretudo, as diversas infusões como cambuí, erva doce, casquinha de laranja, milhomem, catuaba, pau d'arco, cobra coral, folha de cidreira além de uma variedade de bebidas, como o aguardente Jacaré, Tatuzinho, Saborosa e conhaques.

Clarindo Silva, após arrendar o espaço do antigo Bazar, onde trabalhava, transforma-o na

Cantina da Lua, inaugurada em abril de 1945. Mantendo e ao mesmo tempo diversificando a sua clientela, a Cantina era freqüentada por doqueiros estivadores, marinheiros, policiais da extinta Guarda Civil, estudantes e professores da Faculdade de Medicina, legistas do Instituto Médico Legal, petroquímicos, jornalistas, etc, que compunham o ambiente social do Pelourinho da época.

Alguns programas do radialista Julio César foram gravados na Cantina, o que levou ao espaço Clara Nunes, Alcione, o Trio Nordestino, Beth Carvalho, Jair Rodrigues, Martinho da Vila, Roberto Ribeiro, Pinduca, o Rei do Carimbó, Waldick Soriano, Beth Mendes, Zezé Mota, Antonio Marcos, Caetano Veloso, Chico Buarque de Holanda, Marieta Severo, Conceição Lacerda, Diana Pequeno, Agnaldo Timóteo, Tony Damito, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Simone, Bezerra da Silva, João Bosco, João Nogueira, Nelson Gonçalves. Além dos artistas da terra como Moraes Moreira, Paulinho Boca de Cantor, Baby Consuelo, Batatinha, Riachão, Edil Pacheco, Ederaldo Gentil, Claudete Macedo, Miriam Tereza, Tuninha Luna, Néelson Rufino, Paulinho de Camafeu, Chocolate da Bahia, Firmino de Itapuã, Cachoeira, Fialuna, Néelson Babalaô, Dom Ratinho e Tião Motorista.

Durante o período de degradação e desvalorização social do Pelourinho, a Cantina se torna um local de encontro, de contestação pela preservação da área do Centro Histórico. Com a organização de projetos sócio-culturais, na Cantina é também criado um espaço cultural para alocar exposições e lançamentos de livros. Atualmente, o Projeto Cultural Cantina da Lua está sendo transferido para uma outra casa no Largo do Pelourinho.

2- Sociedade Protetora dos Desvalidos

No ano de 1827 um grupo de 19 homens negros livres criou uma instituição que tinha como propósito angariar e poupar recursos financeiros de seus associados para, por exemplo, comprar alforrias. Como na época negros e mestiços eram impossibilitados de estabelecer uma associação civil, a Sociedade Protetora dos Desvalidos foi formalizada como Irmandade de Nossa Senhora da Soledade Amparo dos Desvalidos, estabelecendo uma devoção na Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Quinze Mistérios. Apenas em 1851 torna-se possível aos negros assumirem legalmente instituições civis.

A Sociedade Protetora dos Desvalidos recebia contribuições dos associados e funcionava como Casa de Empréstimos a Juros operando com penhor, hipoteca de imóveis e loterias, prestando serviços hoje denominados como Previdência, Assistência Social, Pecúlio e Fomento Econômico e Social.

Funcionando de 1883 até hoje no mesmo sobrado no Largo do Cruzeiro de São Francisco, a Sociedade foi responsável pela alforria de negros escravos e fujões e luta por políticas abolicionistas. Atualmente a SPD está desenvolvendo projetos de apoios sociais e culturais, através do Centro Cultural Manoel Raimundo Querino, sob o slogan “A nova alforria é a cultura”. Pretende-se oferecer seminários, conferências, aulas de programas de reciclagens profissionais e cursos profissionalizantes, destinados, principalmente à juventude economicamente carente.

3- Bar do Reggae

Criado em 1978, ficava localizado no entroncamento das ruas Gregório de Mattos e João de Deus. O sucesso do Bar do Reggae esteve relacionado aos eventos que aconteciam no Pelourinho, à época, como os ensaios do Afoxé Filhos de Gandhi, do Olodum (1979) e a Festa da Bênção, essa última inicialmente freqüentada por militantes do movimento negro.

No bar só tocava reggae – música negra que internacionalmente estava associada a ações contestatórias e políticas de afirmação étnica. O Bar do Reggae foi o primeiro no Centro Histórico a disseminar este estilo musical. Os freqüentadores tradicionais sempre foram jovens negros e mestiços originários das classes populares. Roupas estilizadas, numa mistura de África e Jamaica, a identidade afro passa a ser produto também de consumo cultural de jovens brancos de classe média, que começam a freqüentar o Centro Histórico, indo aos bares de reggae – que se multiplicaram e viraram um estilo de bar do Pelô – e aos ensaios do Olodum.

O Bar do Reggae já não existe mais, mas uma profusão de outros espaços surgiu, seja construído pelo Governo do Estado, como a Praça do Reggae, ou em lugares ditos mais “underground” como a Rocinha.

Espacos Culturais

1- Theatro XVIII

O Theatro XVIII, prédio no número 18 da Rua Frei Vicente, foi criado após o processo de Recuperação do Centro Histórico de Salvador, sendo uma iniciativa do Governo do Estado em transformar aquele quarteirão (as etapas da reforma são divididas em quarteirões) que, inclusive, convidou a dramaturga Aninha Franco para ser diretora do novo espaço.

Inaugurado em 1997, até o ano de 1999 o teatro funcionou de maneira semelhante aos outros teatros da cidade, alugando através de pautas e cobrando o valor usual de ingresso. Com a estréia do espetáculo “1,99” de Ricardo Castro, cujo preço era R\$ 1,99, um outro conceito de administração começou a ser montado. O Theatro XVIII torna-se uma ONG, “*Res Inexplicata Volance*” (uma expressão que em latim significa algo como “objeto voador não identificado”).

É feita uma curadoria para escolha dos espetáculos que se apresentarão em cada mês. Os projetos selecionados recebem apoio técnico (iluminador, sonoplasta, chefe de palco, camareira e assessoria de imprensa) e não pagam pauta do teatro. Em compensação não podem alterar o valor do ingresso, que é fixo, atualmente custando R\$ 4,00. Este trabalho reflete a intenção de democratizar o acesso ao teatro – tanto do público, como dos artistas. O Theatro XVIII tem programação quase todos os dias da semana, apresentando produções próprias e externas.

2- Zauber Multicultural

Ambiente que reúne a arquitetura antiga de um casarão datado de 1912 na Ladeira da

Misericórdia com uma decoração dita “pós-moderna”. Nesse espaço destinado à música e as artes visuais, são realizadas festas, oficinas, exposições e instalações. Assim como o Zanzibar, também na Ladeira da Misericórdia, e o Casarão Santa Luzia, a Zauber é um local de público jovem e alternativo que vai dançar e curtir a noite.

3- Sebo Berinjela

O Sebo localizado na Travessa da Ajuda, Rua Chile, remonta os tempos antigos de pontos de encontro e de troca de idéias de “intelectuais”, jovens e artistas, no Centro Histórico. A filial desse Sebo, do Rio de Janeiro, foi criada em Salvador no ano de 2001. Neste local, são vendidos livros, cd’s, vinis, almoço (comida natural), quadrinhos, e onde são organizados alguns eventos com bandas alternativas e novos artistas.

4- Sebo Brandão

Fundado em 1955 em Salvador como filial do sebo Brandão de Recife criado em 1953. O dono do sebo do Centro Histórico, conta que trabalhava com agricultura quando o seu irmão lhe pediu que cuidasse da loja de livros que abriria na Bahia. Foi, durante muitos anos, freqüentado por estudantes e admiradores da literatura. O sebo possui um grande acervo de livros e nele não são promovidas outras atividades ou serviços, nem são vendidos outros produtos. A especialidade do local é para o hábito da leitura, e assim continua a ser.

5- Rocinha do Pelô

Figuras como Neinho, Ruth e Alumínio movimentam com seus bares, sinucas e organização de shows a Rocinha do Pelô. Este é o lugar onde pode se escutar Reggae, Hip-Hop, Roots e outros ritmos “undergrounds”. Entre os freqüentadores estão, sobretudo a comunidade do Centro Histórico, dos bairros próximos, do movimento negro e todos aqueles que se identificam com a cultura rastafari. Em 2001 uma série de reformas da estrutura física e de produção cultural do local começou a ser feita pelo “Cultura em Movimento”, passando a cobrar um valor de entrada, vendendo cds, e com iniciativas para atração de um público classe média e turista. Muitos dos antigos freqüentadores rejeitam essas ações.

6- Largos e Praças

O Centro Histórico possui diversas áreas livres e fechadas que são cotidianas ou esporadicamente tidas como lugares de efervescência cultural. Mas é possível fazer uma distinção desses espaços a partir do que é realizado neles

Largo Pedro Arcanjo, Largo Quincas Berro D’água, Praça Tereza Batista, Praça do Reggae e Largo do Artesanato são espaços administrados diretamente pelo projeto Pelourinho Dia & Noite. Com exceção do Largo do Artesanato, os demais têm uma programação semanal de shows, espetáculos e eventos, na sua maioria, gratuitos, vinculados ao mesmo projeto. Todos esses espaços foram criados depois da reforma de 1991, ocupando as antigas áreas de quintal dos casarios.

A Praça da Sé, a Praça Municipal, o Terreiro de Jesus e os Largos do Pelourinho e da Cruz do Pascoal são lugares de circulação e sociabilidade, por esta razão, os acontecimentos culturais que aí se realizam têm caráter mais espontâneo, de ocupação da comunidade. No entanto, quando são montados, pelo mesmo projeto Pelourinho Dia & Noite, grandes shows e eventos com uma demanda turística – como as festas do calendário oficial, como Natal, São João, Santo Antonio, etc, esses são os locais preferenciais.

A Praça Castro Alves se destaca por ser um ponto de referência do Carnaval. A denominação oficial de Praça Castro Alves vem desde 10 de julho de 1881, quando ali foram afixadas placas de bronze com o nome do “poeta dos escravos” e posteriormente a estátua de Castro Alves, criação de Pasquale De Chirico. No tempo da cidade colonial este foi um espaço de concentração de negros nagôs. Entretanto, como normalmente acontece na Bahia, e, sobretudo no Centro Histórico, a nomeação popular, de Largo do Teatro (pois ali se localizava o antigo Teatro São João) superava o nome oficial de Praça Castro Alves. A popularização do nome Praça Castro Alves se dá após a gravação da música *Frevo Novo* de Caetano Veloso, então sucesso do carnaval de 1972, que continha os versos “A Praça Castro Alves é do povo, como o céu é do avião”. O local é torna-se ponto de encontro tanto político – com passeatas e declamações feitas ao pé da estatua de Castro Alves (como pode ser visto no filme *Superoutro* de Edgar Navarro) – como também cultural, a exemplo do encontro de trios que até hoje acontece nesta praça.

VI - Formas de Expressão

Formas não-lingüísticas de comunicação associadas a determinado grupo social ou região, desenvolvidas por atores sociais (individuais ou grupos) reconhecidos pela comunidade e em relação às quais o costume define normas, expectativas, padrões de qualidade, etc. (INSTITUTO, 2000, p. 11)

Se expressar de diversas formas ou mudar a forma através das expressões? No Centro Histórico muitas linguagens artísticas podem ser vistas: a música, a dança, as artes cênicas, plásticas e visuais. Um rico roteiro cultural é traçado no chão de cabeças-de-negro. Mas, é interessante observar como as criações artísticas também são reconhecidas na diversão, no comércio e na religião da comunidade que vive este bairro. Mais instigante ainda é perceber que formas de expressões mudaram o Pelourinho. A cultura afro corporificada na arte de vestir, de dançar, de gingar na capoeira. A criação de blocos afro e afoxés, que aglomeram grande número de pessoas no carnaval e nos ensaios, trazem uma nova estética e ritmos que são em seguida reconhecidos pela mídia e passam a simbolizar esse espaço do Centro Histórico.

As ações para a cultura exercidas na Bahia reiteram um discurso identitário que justifica apenas a valorização da cultura local como estratégia de atração turística. Dessa forma, uma linha tênue começa a existir entre o que era visto como criatividade e inventividade e passa a ser tido como monolitismo e repetição das expressões artísticas. É um desafio recente de conseguir preservar a cultura local sem torná-la conveniente somente para retórica política.

Linguagens

1- “Batida” do Olodum

Quando andamos pelo Pelourinho numa terça-feira e passamos pela Praça Tereza Batista, ouvimos o inconfundível toque de Olodum. O que é esta batida que fez tanto sucesso, e que inspirou a formação de diferentes blocos afros como Timbalada, Muzenza, Ara Ketu, Banda Feminina Didá e outros?

No toque do samba-reggae do Olodum podem-se observar influências musicais tanto de Salvador e do Rio de Janeiro como do Caribe, mais especificamente da ilha República Dominicana, é mais ou menos na década de 1970 que o ritmo caribenho aparece em Salvador.

Para a “batida” do Olodum são utilizados como instrumentos um grupo de surdos, que marcam a parte das graves da “orquestra” de tambores, e as caixas, que fazem a parte de chamadas e padrões. Esta orquestração vem do *samba batucada* ou de *enredo* que é muito utilizada no carnaval carioca. A particularidade é que o padrão rítmico dos surdos estabelece uma fusão do *samba batucada* com o ritmo do *merengue* da ilha caribenha República Dominicana. O ritmo do *merengue* é tocado numa velocidade muito mais lenta pelos surdos. As caixas tocam, entre outros, um padrão rítmico que podemos ouvir num

toque de candomblé de nação *Ketu*, chamado *arramunha* ou *avamunha*, onde é executado pelo *gã* (ou *agogô*). A clave do *som* cubano também tem este padrão rítmico. As caixas de repique fazem variações com golpes dobrados com as baquetas. Sobre o toque dos tambores, os cantores cantam seus versos e esta foi a fórmula que fez sucesso nos anos 1980. Mais tarde os blocos passam a utilizar outros instrumentos como instrumentos de sopro e um sintetizador.⁴¹

2- Samba-reggae

O samba-reggae é resultado da mistura do samba-duro com o reggae jamaicano. Tocado, sobretudo, pelos blocos afros, o samba-reggae incluía ainda letras de cunho político e étnico. Albino Santana, coordenador da Praça do Reggae, intui que exista uma similaridade da batida do reggae com a do baião vindo daí a identificação. No entanto, independente de ter ou não uma semelhança rítmica, interessa aqui a identificação da cultura negra, de tradição e de resistência, representada na música através do samba ou do baião no Brasil e do reggae na Jamaica. Com isso, elementos simbólicos da cultura reggae são assimilados pela população negra de Salvador criando uma ambiência, por exemplo, com os bares do reggae, no Pelourinho.

A origem do samba-reggae se espalha pelos diversos blocos que existiam nos anos 1980 no Centro Histórico de Salvador. No entanto, a mídia reconhecerá o novo ritmo através da música “Faraó – Divindade do Egito”, de Luciano Santos, compositor do Olodum.

3- Reggae

O Reggae, estilo musical que surgiu na Jamaica e se tornou mundial com Bob Marley une referências sonoras identitárias da tradição africana com elementos da cultura de massa e as possibilidades tecnológicas da contemporaneidade. Carrega junto com a criação desse novo ritmo a movimentação social e política da cultura *rastafari*.

Em estados com um grande número de afros-descendentes, como Bahia e Maranhão, o reggae foi apropriado aos contextos locais, transitou por outros ritmos, até que passou a pertencer e ser reconhecido como forma de expressão própria daqueles lugares. No Centro Histórico, samba-reggae, bares e praça de reggae, *hips* e *rastafaris* que povoam seu cenário são alguns indicativos.

4- Dança Afro

Em festas populares ou religiosas, o jogo da capoeira, no candomblé, enfim, nas diversas manifestações culturais presentes no Pelourinho, pode-se identificar como representações cênicas referências a danças afro-brasileiras. Samba de roda, Maculêlê, Capoeira, Dança de Orixás, Afixirê e Samba-reggae trazem elementos corporais que realçam jeitos e gestos resultantes da mestiçagem cultural da Bahia.

⁴¹ Contribuiu para este texto Ivo Agerkop, doutorando em etnomusicologia pela Faculdade de Música da UFBA.

No Centro Histórico surgiram iniciativas de ensino, e pesquisa, da dança afro e criação de companhias de dança folclórica. O Ballet Folclórico da Bahia que surgiu em 1988 no Pelourinho é um exemplo da intenção de aprimorar tecnicamente profissionais na composição de dança a partir das manifestações populares cotidianas encontradas em todo território da Bahia.

5- Afoxé e Ijexá

Afoxés são blocos de carnaval que saíram dos terreiros de Candomblé da Nação Ketu. Inicialmente, portanto, seus foliões eram vinculados a terreiros de candomblé. Com isso, também na celebração do carnaval elementos simbólicos, como o ritmo, as cantigas em ioruba, as cores dos Orixás, a dança e os instrumentos, são tidos como hábitos e valores que distinguem dos blocos carnavalescos somente.

Era permitido pelos terreiros tocar durante a festa o toque de Ijexá, rum-pi-ilê, que forma parte dos toques de Candomblé. O Ijexá reúne cantos a Oxum e Oxalá, ritmados com cabaça, agogô e atabaque, entoados nesses rituais religiosos, tendo como figura central o babalawô ou baba-oni-awô, conhecedor dos mistérios. A música do Afoxé reproduz o Ijexá do Candomblé, com uma bateria, que confere um swing à percussão.

O toque do Ijexá é também apropriado pelos blocos afros, sendo um pouco mais rápido que o samba-reggae. O rum-pi-ilê foi e é também tocado nas missas de Dom Timóteo Amoroso e da Igreja do Rosário dos Homens Pretos. O ritmo do afoxé é interpretado e reconhecido em canções de artistas como Caetano Veloso, Maria Bethânia e Virginia Rodrigues.

Uma das primeiras entidades carnavalescas da Bahia, hoje já extinta, foi o Afoxé Império de África, fundado em 1898 por escravos do Barão do Triunfo, na rua direita de Santo Antonio, em frente à capela de Nossa Senhora do Boqueirão (FÉLIX, 1995).

Os próprios escravos preparam tamborins, tambores e agogôs, corromperam feitores e confeccionavam fantasias com tecidos trazidos da África para serem vendidos no Largo do Pelourinho. A primeira saída foi da Cruz do Pascoal, percorrendo as ruas do Passo, Carmo, chegando ao Largo do Pelourinho, onde brincavam junto com outros negros e mestiços.

Os afoxés são organizados também a partir de relações de parentesco, vizinhança, trabalho. Um dos afoxés mais reconhecidos de Salvador, em especial do Pelourinho, o Filhos de Gandhi, é originado por companheiros estivadores.

6- Capoeira

Cidade colonial que abrigou escravos vindos de diversas regiões da África, o Pelourinho foi espaço de manifestação e também condenação das culturas africanas, assim como de criação de uma cultura negra local. A capoeira é um desses enlacs de culturas e resistências.

A capoeira tem origem africana, mas com elementos das culturas portuguesa e indígena. Surge no período da colonização do Brasil como uma forma de resistência dos escravos e

de defesa dos quilombos. Misturando luta, jogo, dança e música, na capoeira o movimento do corpo é gingado pelo ritmo dos instrumentos berimbau, agogô, atabaque, pandeiro, xqueré e reco-reco e dos cânticos que falam de histórias do povo negro.

Hoje a capoeira é reconhecida como símbolo da cultura nacional, e especialmente baiana. No entanto, até as primeiras décadas do século XX, a capoeira era marginalizada, assim como seus praticantes eram vistos como bandidos e vagabundos. Dois mestres são fundamentais para a valorização e mudança de atitude com relação à Capoeira, sendo eles Mestre Pastinha e Mestre Bimba, que praticaram diferentes vertentes da capoeira, a Angola e a Regional, respectivamente. Esses dois Mestres são responsáveis pela criação de escolas para o ensino da capoeira, transformando esta linguagem também em um esporte.

As modalidades da capoeira se diferenciam em alguns aspectos. A Angola enfatiza no jogo a brincadeira e a espiritualidade, ou como se fala na Bahia, é mais “mandigada”. Os “angoleiros” realizam movimentos mais lentos, rasteiros (perto do chão) e lúdicos. Vestem-se com calça preta e blusa amarela. Na Regional, vestidos de branco, os capoeiristas vão passando por etapas, os “cordões”, até alcançarem a técnica para realizar os golpes, quase acrobáticos, característico deste estilo. A música e a bateria também determinam o ritmo e estilo da roda. O toque é mais lento da Angola é feito por três berimbaus, agogô, reco-reco e atabaque, e para a Regional são utilizados dois pandeiros e um berimbau tocados de modo ligeiro e com muita força, dando rapidez ao jogo e exigindo competência e maestria dos capoeiristas.

O Pelourinho recebe anualmente milhares de turistas que passam um tempo na Bahia para aprender a linguagem de gestos e sons da capoeira. Entretanto, mestres e grupos tradicionais ainda têm bastante dificuldade para manutenção física de seus espaços, visto que não contam com auxílio de iniciativas do governo ou instituições privadas. Algumas associações e federações de capoeira foram criadas e estão situadas no Centro Histórico, visam exatamente a promoção de estratégias para suprir essa ausência.

7- Arte de rua

Tipos populares, artistas, artesãos, capoeiristas, jovens, prostitutas, ambulantes, todas essas pessoas são ainda hoje parte fundamental do cenário do Pelourinho. Nas Praças e Largos ocorrem manifestações artísticas espontâneas, ou muitas vezes impensadas, que pode ser caracterizada como Arte de Rua.

Escultura Viva, geralmente pintado de prateado ou de branco, o artista (ator) – que não foi possível saber o nome – passa o dia inteiro parado, geralmente próximo ao Portal da Misericórdia, apenas se movimentando quando algum passante deposita uma moeda em sua caixa. Outro artista que também é uma incógnita é Jaime Figura, deste sabe-se o nome, no entanto ninguém nunca viu o seu rosto. Pode-se ver Jaime circulando pelas ruas e avenidas, sem dar uma palavra, com roupas que lembram farrapos e uma espécie de armadura no rosto aparentemente feita com metais. O artista plástico terá em breve um lugar para exposição de seus trabalhos no Pelourinho. Tem ainda o “cara que bate no gato”, que é um palhaço que assusta crianças, diverte adultos, dá susto em mulheres, e desperta curiosidade de quem passa e escuta um miado estridente de uma gato dentro de um saco.

Na Praça da Sé, no Terreiro de Jesus, no Largo do Cruzeiro, na Cruz do Pascoal e em outros espaços do Pelourinho encontramos ainda carrinhos de café super estilizados, coloridos, com som e arrumações de cafés, cigarros, fitas do bonfim e o que mais couber. Rodas de capoeira, encontros de street dance e hip-hop, repentistas são comuns também, aglomerando conhecidos e desconhecidos em um espaço ao mesmo tempo livre e cênico.

Grupos Culturais

1- Filhos de Gandhi

O Afoxé Filhos de Gandhi surgiu no ano de 1949, sob organização de um grupo de estivadores que resolvem homenagear o líder pacifista Mahatma Gandhi, que havia falecido no ano anterior, a partir de um bloco de carnaval que pregasse a paz. Em suas vestimentas – de cores branca e azul –, turbantes, colares (guias) e perfume de alfazema, estão simbolizados Oxalá (branco) e Ogum (azul) ao mesmo tempo em que se tentou fazer uma referência à indumentária indiana.

Foi, sobretudo, o Filhos de Gandhi que popularizou o ritmo do afoxé. No bloco só saem homens, pois, segundo Agnaldo Silva, presidente do Afoxé, as mulheres não trabalhavam na estiva portuária, então elas apenas ajudaram na confecção das roupas e turbantes, e até hoje são mulheres artesãs que costuram os turbantes em cada cabeça do associado. São em média quatro ou cinco mil associados, mas existem seis ou sete mil sócios inscritos, o que resulta em cerca de dez mil foliões no carnaval. Durante muito tempo no Afoxé só se viam negros, no entanto, esta não é uma posição ideológica, tal como no Ilê Ayê, mas uma consequência do preconceito social e racial. Atualmente a quantidade de brancos, e inclusive turista que desfilam no bloco é grande.

O Bloco sai no domingo, segunda e terça do carnaval. Ao longo do ano são realizados ensaios além da organização de alguns projetos como o Gandhi Mirim, seguindo uma atuação como a do Olodum, com aulas de artesanato, teatro, ritmos e dança para crianças.

Filhos de Gandhi (Gilberto Gil)

Omolu, Ogum, Oxum, Oxumaré, todo o pessoal
Manda descer pra ver Filhos de Gandhi
Iansã, Iemanjá, chama Xangô, Oxossi também
Manda descer pra ver Filhos de Gandhi
Mercador, Cavaleiro de Bagdá
Oh, Filhos de Obá
Manda descer pra ver Filhos de Gandhi
Senhor do Bonfim, faz um favor pra mim
Chama o pessoal
Manda descer pra ver Filhos de Gandhi
Oh, meu Deus do céu, na terra é carnaval
Chama o pessoal

Manda descer pra ver Filhos de Gandhi

2- Korin-Efan e Filhos de Korin-Efan

Em iorubá, Korin significa “cântico”, efan significa “terra de ijexá”. O Afoxé Korin-Efan surgiu aproximadamente em 1992, como uma dissidência do Afoxé Filhos de Gandhi, sendo Djalma Passos o primeiro presidente do novo afoxé. Diversos diretores passaram pelo Korin-Efan, mas que pouco articularam as atividades do Afoxé. Por esta razão, em 25 de maio de 2002, após um período de estagnação do Korin-Efan, Erenilton funda o Filhos do Korin-Efan.

O grupo de música é o mesmo, ao longo desses dez anos de existência e atividade. É composto por poucos integrantes, apenas no período do Carnaval que cerca de 100 pessoas participam da bateria, das alas das cabaças, etc.

O Filhos de Korin-Efan ensaia todo domingo, cobrando o valor de R\$ 1,00 de bilheteria. A idéia é também realizar seresta e bailes da terceira idade nas segundas e terças-feiras. Segundo Erenilton, para este ano está programado também um trabalho com crianças para formação da banda mirim.

O Afoxé é de todos os orixás, o que permite ser também de todas as cores. Nas paredes da quadra – espaço para realização de ensaios e eventos – estão pintados todos os orixás. A cada ano, no Carnaval, uma fantasia nova e uma composição nova são feitas.

A principal geração de renda do Afoxé são os ensaios aos domingos – com a venda de ingressos, de comida e bebida. Parcerias com outras entidades (como, por exemplo, o curso de língua e cultura italiana Dante Alighieri), busca por patrocínios, vendas de cds e auxílio governamental (da Emtursa, apenas o cachê durante o carnaval), são formas alternativas para arrecadação de recursos.

3- Olodum

O Olodum foi criado em abril de 1979, apenas como um bloco carnavalesco, que assim como o Ilê Ayê se caracteriza como um bloco afro, de afirmação da identidade negra, e de valorização do seu território, no caso do Olodum, exatamente o Maciel-Pelourinho. Olodum, em iorubá é diminutivo de Olodumaré, que significa “Deus dos Deuses”. Até 1983 o carnaval era a única atividade e perspectiva do Olodum. Exatamente neste ano, o Olodum passava por um esvaziamento de associados, o que implicou no bloco não desfilar no carnaval nesta ocasião. É neste período que entra no bloco João Jorge e Negoinho do Samba, dissidentes do Ilê, traçando novas estratégias para o grupo.

No início dos anos 1980, o Olodum realizava seus ensaios (nas Terças da Bênção e aos domingos) e preparava uma multiplicidade de ações sócio-culturais para ser desenvolvida a longo prazo. As músicas e festas estabeleciam uma relação com jovens brancos e negros, de diferentes classes. Entretanto, as atividades da Escola Criativa, com cursos, seminários, jornais, vídeos, eram destinadas à comunidade do bairro. A Escola vai até a primeira série e foi uma das primeiras da Bahia a incluir no currículo a disciplina “História dos Negros no

Brasil”, oferece ainda, no segundo turno cursos paralelos de música, história, inglês, confecção de instrumentos musicais, etc.

Outras iniciativas foram estruturadas. Além da Escola Criativa criou-se uma Boutique, a Banda Mirim, a Editora Olodum, a Companhia de Dança e o Bando de Teatro. O Bando de Teatro Olodum, nos anos 1990 se desvinculou institucionalmente do bloco, mas ainda hoje existe com o mesmo nome.

Em 1987 a composição “Faraó” teve uma repercussão muito grande no carnaval. Com essa explosão midiática do grupo, de sua “batida” e, portanto, de seus ensaios, o Olodum consegue montar uma empresa cultural, garantindo uma inserção no mercado fonográfico, antes muito difícil para blocos afros e afoxés, e ainda uma projeção internacional. Com tudo isso, o Olodum tanto gerou renda e emprego para comunidade negra, como se tornou um símbolo de reconhecimento de sua identidade (para si) e de sua diversidade (para outros).

4- Muzenza

Fundado em março de 1981, o Muzenza ensaiou nos bairros da Ribeira e Massaranduba até fixar su sede na Liberdade, no ano de 1983. Não estando localizado totalmente no Centro Histórico (pois neste espaço o bloco possui apenas um escritório), o Muzenza é uma dissidência do bloco Olodum. Muzenza em iorubá significa “dança das iaos”.

Continuando com o discurso pelo reconhecimento da cultura afro-baiana, o Muzenza tornou-se singular ao estabelecer uma ligação entre os jovens negros baianos com os negros jamaicanos. São símbolos desse bloco o cantor Bob Marley, o ritmo musical reggae e a crença rastafari. Por este estreito vinculo com o reggae, o Muzenza contribuição para a formação do samba-reggae.

Bibliografia

ABREU, Regina. Performance e Patrimônio Intangível: os mestres da arte. In: TEIXEIRA, João Gabriel L.C. et al (org). **Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização**. Brasília: ICS-UnB, 2004.

BRITO, Cilene. Procissão do Encontro emociona fiéis. **Correio da Bahia**. Salvador, 13 abr. 2006. Caderno Aqui Salvador.

DIBAI, Priscilla. Cabocla volta hoje à Lapinha. **A Tarde**. Salvador, 05 jul 2006. Caderno Salvador & Região Metropolitana.

FÉLIX, Anísio. **Pelo Pelourinho**. Salvador: EGBA, 1995.

GUERREIRO, Goli. Um mapa em preto e branco da música na Bahia – territorialização e mestiçagem no meio musical de Salvador (1987/1997). In: SANSONE, L. e SANTOS, J. (org.). **Ritmos em trânsito: sócio-etnologia da música baiana**. São Paulo: Dynamis editorial e Salvador: Cor da Bahia, 1997.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Inventário nacional de referências culturais**. Brasília: Departamento de Identificação e Documentação do Iphan, 2000.

LICEU DE ARTES E OFÍCIOS DA BAHIA. Arte, Talento e Cidadania. Salvador: Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, 2003. (Catálogo institucional do Liceu)

MIGUEZ, Paulo. “Yes, Nós Temos (Chiclete) Com Banana”. **Bahia Análise & Dados**. Salvador: SEI, v. 5, n. 4, p.75-84, 1996.

RODRIGUES, João Jorge. O Olodum e o Pelourinho. In: GOMES, Marco Aurélio de Filgueiras (org.) **Pelo Pelô: história, cultura e cidade**. Salvador: Edufba, Faculdade de Arquitetura, 1995.

SERRA, Ordep. **Rumores de Festa: o Sagrado e o Profano na Bahia**. Salvador: Edufba, 2000.

SILVA, Clarindo. **Memórias da Cantina da Lua**. Salvador: Editora do Autor, 2004.

Organograma do dvd-rom

